



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE HISTÓRIA**

**SÃO JOSÉ DAS BOTIJAS OU AS BOTIJAS DE PIRANHAS: A
FORMAÇÃO DE UM IMAGINÁRIO HISTÓRICO-CULTURAL NO
SERTÃO PARAIBANO (SÃO JOSÉ DE PIRANHAS, 1930-1950)**

DANILO DE SOUSA CEZÁRIO

CAJAZEIRAS – PB

2014

DANILO DE SOUSA CEZÁRIO

**SÃO JOSÉ DAS BOTIJAS OU AS BOTIJAS DE PIRANHAS: A
FORMAÇÃO DE UM IMAGINÁRIO HISTÓRICO-CULTURAL NO
SERTÃO PARAIBANO (SÃO JOSÉ DE PIRANHAS, 1930-1950)**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura
Plena em História, da Universidade Federal de
Campina Grande, como exigência parcial para a
obtenção do grau de licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Firmino Sales Neto

CAJAZEIRAS - PB

2014



Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Denize Santos Saraiva Lourenço - Bibliotecária CRB/15-1096
Cajazeiras - Paraíba

C425s Cezário, Danilo de Sousa

São José das Botijas ou as Botijas de Piranhas: A formação de um imaginário Histórico-Cultural no Sertão Paraibano(São José de Piranhas, 1930-1950) / Danilo de Sousa Cezário. Cajazeiras, 2014.

66f. : il.

Bibliografia.

Orientador: Francisco Firmino Sales Neto.
Monografia (Graduação) - UFCCG/CFP

1. Imaginário Cultural. 2. História Cultural.

3. Botijas. I. Sales Neto, Francisco Firmino. II. Título.

UFCCG/CFP/BS

CDU- 39

**SÃO JOSÉ DAS BOTIJAS OU AS BOTIJAS DE PIRANHAS: A
FORMAÇÃO DE UM IMAGINÁRIO HISTÓRICO-CULTURAL NO
SERTÃO PARAIBANO (SÃO JOSÉ DE PIRANHAS, 1930-1950)**

DANILO DE SOUSA CEZÁRIO

Orientador: Prof. Dr. Francisco Firmino Sales Neto

Monografia apresentada à Banca Examinadora do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande, como exigência parcial para a obtenção do grau de Licenciado em História.

Aprovação em: 14 / 04 / 2014

BANCA EXAMINADORA

FFS de Neto

Prof. Dr. Francisco Firmino Sales Neto
Orientador

Rosemere Olimpio de Santana

Profª Drª Rosemere Olímpio de Santana
Examinadora

Helmara Gicelli Formiga Wanderley

Profª Ms. Helmara Gicelli Formiga Wanderley
Examinadora

Profª Drª Rosilene Alves de Melo
Suplente

**CAJAZEIRAS/PB
2014**

*Ao meu DEUS, pela força e perseverança
durante minha caminhada.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, primeiramente, por se fazer presente em todos os momentos de minha vida, como também por ter colocado anjos/amigos ao meu redor.

A minha mãe Lourdes e ao meu pai Djacir, que sempre me educaram com amor e me mostraram o sentido simples da vida.

A minha avó Maria Monteiro (*In Memoriam*) que, durante seus últimos anos de vida, fascinou-me com suas histórias magníficas de botijas, tesouros e almas assombradas, tornando-se essencial para a escola do tema desta monografia.

Ao meu grande amigo Ewerton Duarte que, durante a reta final, tanto me auxiliou fraternalmente quanto institucionalmente.

As minhas irmãs-amigas Djenane, Erilene, Delmira, Baiza, Kilvynha, Marcya, Ruth, Lanucy, Thayse e Katiane que, de forma amorosa, compreenderam minhas ausências e contribuíram nas discussões deste trabalho.

Aos meus *brothers* João Kaio e Kennedy com quem compartilhei bons e maus momentos, sempre me acompanhando na minha trajetória acadêmica.

A Neto Sobral, Meyrevely Inácio e Zé pereira, com quem compartilhei experiências de trabalho e pesquisa.

A Helmara Giccelli e a Lucinete Fortunato, pelo acompanhamento no início da construção deste trabalho.

Aos meus depoentes que contribuíram de maneira grandiosa na construção deste trabalho e tão bem me acolheram em suas residências, abrindo seus corações e suas mentes.

As professoras Rosemere Santana e Rosilene Alves que, generosamente, aceitaram participar de minha banca examinadora.

As meninas da coordenação, Martinha, Joana e Mariane, que com toda delicadeza me auxiliaram durante alguns procedimentos acadêmicos.

E, finalmente, ao meu orientador Francisco Firmino Sales Neto, que de maneira generosa, séria e sábia contribuiu não só na construção metodológica deste trabalho, mas meu engrandecimento pessoal e acadêmico.

A cidade é feita de sonhos e desejos. Sonhos e desejos que um dia, se tornarão recordações, se incorporarão aos inúmeros labirintos da memória, revelarão as faces escuras do pas. ou deixarão que elas permaneçam desconhec para sempre. Mas sonhos e desejos que se reinventam e se transformam. Assim é a cidade, a grande moradia dos homens.

(Antonio Paulo Rezende, 1997)

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de problematizar as “ocorrências” de botijas na cidade de São José de Piranhas, no Sertão paraibano, entre os anos de 1930 e 1950. Além disso, discute-se o imaginário local sobre tais práticas por piranhenses dos diversos segmentos sociais. Por fim, analisa-se a relação entre o cangaço e as práticas de entesouramento de bens pessoais, tais como moedas de ouro, prata ou bronze e jóias ou objetos de valor sentimental, provocando o fenômeno conhecido popularmente como botijas. Na pesquisa, foi de fundamental importância a apropriação do conceito de “imaginário cultural” da historiadora Sandra Jatáhy Pesavento, bem como dos conceitos de “encantamento/ desencantamento”, “crível/incrível” e “tesouros enterrados” da historiadora Socorro Cipriano. Para a realização deste estudo, fazemos uso da história oral enquanto metodologia para a produção e análise das fontes.

Palavras-chave: São José de Piranhas; Tesouros enterrados; Botijas; Imaginário Cultural.

ABSTRACT

This paper aims to problematize the "appearances" of stone bottles in the city of Sao Jose de Piranhas, in Paraiba's hinterland, between the years 1930 and 1950. Furthermore, it discusses about the local imaginary of such practices by the local ones that belonged to various social groups. Finally, it is analyzed the relationship between banditry and practices of hoarding of personal property such as gold coins, silver or bronze jewelry or objects of sentimental value, causing the phenomenon known popularly as stone bottles. In the survey, it was very important the appropriation of the concept of "cultural imaginary" by the historian Sandra Jatahy Pesavento, as well as the concepts of "enchantment/disenchantment", "credible /incredible" and "buried treasure" by historian Socorro Cipriano. For this study, it is used oral history as a methodology for the production and analysis of sources.

KEY-WORDS: Sao Jose de Piranhas; buried treasure; stone bottles; cultural imaginary.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fig 01. Ruínas da antiga cidade de São José de Piranhas com o Açude Engenheiro Ávidos ao fundo.....	33
Fig 02. Ruínas da Igreja da antiga cidade de São José de Piranhas.....	35
Fig 03. Ruínas de uma catatumba do antigo Cemitério de São José de Piranhas.....	36
Fig 04. Alicerce da antiga cadeia Municipal de São José de Piranhas.....	37
Fig 05. Antigo Correio da cidade de São José de Piranhas, onde hoje funcionam as instalações da Escola Clemídia Pereira.....	38
Fig 06. Atual Igreja Matriz de São José de Piranhas.....	41
Fig 07. Arrancando Botija. Xilogravura acerca do ritual de arrancamento de uma botija.....	51
Fig 08. Pé de Juá onde uma suposta botija foi doada ao senhor Marcondi.....	55
Fig 09. Casa onde a suposta alma doou a botija para a senhora Margarida.....	57
Fig 10. Buraco do Peba onde supostamente estaria a botija dada a Maria e seu irmão João...60	

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 – Uma história cultural das botijas	17
1.1 O cultural e o imaginário.....	17
1.2 Diálogos historiográficos.....	20
1.3 A oralidade como forma de registro.....	24
CAPÍTULO 2 – São José de Piranhas: histórico e desenvolvimento	28
2.1 Formação histórica da região.....	28
2.2 Transferência da cidade.....	31
2.3 O surgimento das histórias de botijas.....	41
CAPÍTULO 3 – As botijas no imaginário piranhense	46
3.1 As botijas e o cangaço.....	47
3.2 As aparições das botijas.....	49
3.2 A botija da Lagoinha.....	59
CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
FONTES E BIBLIOGRAFIA	63

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é analisar a formação de um imaginário histórico-cultural em torno das “botijas” na cidade de São José de Piranhas, estado da Paraíba, entre as décadas de 1930 e 1950. Buscamos compreender como o processo de transferência da sede da cidade para dar lugar ao Açude Engenheiro Ávidos e o abandono forçado de moradias e pertences pelos piranhenses possibilitaram o aparecimento de “tesouros encantados”, popularmente conhecidos como botijas.

Tentar reconstruir a *História Cultural* do povo piranhense não é tarefa muito fácil. Poderia ter escolhido outros temas, menos complexos, que já tivessem sido trabalhados por outros historiadores. Mas, não! Escolhi este tema por uma satisfação pessoal.

Nos meus tempos de infância, quando íamos passar os feriados e finais de semana na zona rural da cidade de São José de Piranhas, sentávamos às margens dos tabuleiros para escutar inúmeras “histórias de trancoso”¹ que mexiam e aguçavam o nosso imaginário infantil. Boa parte delas narradas por minha avó Maria, uma mulher que possuía o dom do misticismo e da sabedoria popular.

Dentre todos aqueles feriados passados no sítio, na companhia de minha família, um me marcou profundamente. Era uma quarta-feira, dia 03 de abril de 1996, quando minha avó passou a narrar suas histórias sobre um universo encantado no qual almas, cangaceiros, lobisomens e, principalmente, botijas eram o foco principal. Todas aquelas novas informações mexeram comigo, causando ao mesmo tempo medo e curiosidade.

Enquanto minha avó ia narrando suas peripécias, os mais jovens e as mulheres iam se benzendo e falando os dizeres populares: “Jesus, Maria e José”, “Ave Maria” e “Valha-me meu Padim Cíço”. Segundo a crença popular nordestina, quando se passa por alguma situação de apuro, a aclamação por estes dizeres afastam o mal; falávamos também para amenizar o medo obtido por aquelas histórias. A partir deste dia, passei a me interessar por outras

¹ Trancoso vem de troncoso, lugar de troncos. Houve um escritor português, colecionador de contos que tinha por sobrenome Trancoso. Trancoso teve uma evolução semântica e incluía contos fantásticos, fábulas. A semântica explica. Hoje em dia história de trancoso é algo irreal, fábula, algo lendário. Muitos contos infantis são classificados como histórias de trancoso. Disponível em: <<http://www.dicionarioinformal.com.br/trancoso/>>. Acesso em: 18 nov. 2013.

histórias fantasiosas – popularmente conhecidas como histórias de trancoso – que passaram a alimentar ainda mais minha infância de fantasia.

Inúmeras histórias escutei, senti arrepio e até vi pessoas chorarem de medo. Experiências distintas, vividas em torno de um mundo assombroso, marcaram minha infância. Porém, as botijas eram as que mais mexiam comigo. Sentia uma ligação tremenda com elas. Cada vez que escutava aquelas histórias, minha mente era aguçada mais e mais. Isso, portanto, me levou a escolher as botijas como tema de estudos e pesquisas acadêmicas.

A partir dessas pesquisas, passamos a concluir que botijas são tesouros – seja ouro, prata, moedas, jóias – enterrados por seu proprietário. Com o passar dos anos, essa pessoa vem a falecer e, conforme a crença popular, sua alma ficaria penando no purgatório. Para que esta alma fosse salva, ela teria que doar/entregar seus bens enterrados, passando-os por um entesouramento e encantamento a uma pessoa humilde, simples e não avarenta.

Outras interpretações semelhantes sobre as botijas são relatadas, tais como o ponto de vista de Câmara Cascudo. Em seu livro *Dicionário do folclore brasileiro*, ele relata que botijas são recipientes que “eram curtas, bojudas, com uma asa” (CASCUDO, 1998, p. 181). Nessa afirmação, Cascudo se refere ao recipiente oriundo da Europa que fora trazido para o Brasil por imigrantes. Nesse recipiente de barro vidrado era guardado a genebra ou zinebra, um tipo de bebida. Após o uso da bebida, os recipientes eram reaproveitados, ganhando outras funções, como guardar fortunas para enterrá-las no chão.

A noção de botija se alarga nessa questão, pois passam a ser enterrados não só nos vasos de barro vidrado, mas em caixas de madeira, panelas de barro e outros utensílios domésticos, a exemplo das chaleiras e bules para café.

Em outra citação, Cascudo se refere às botijas como:

Dinheiro enterrado, o mesmo que botija para o sertão do Nordeste, ouro em moeda, barras de ouro ou de prata, deixados pelo holandês ou escondidos pelos ricos, no milenar e universal costume de evitar o furto ou o ladrão de casa de quem ninguém se livra. Os tesouros dados pelas almas do outro mundo dependem de condições, missas, orações, satisfação de dívidas e obediência a um certo número de regras indispensáveis (...). O tesouro é encontrado unicamente por quem o recebeu em sonho (...). Se faltar alguma disposição, erro no processo extrativo, o tesouro transformar-se-á em carvão. Todos os sinais

desaparecerão, se o silêncio for interrompido, mesmo que por um grito inopinado ou por uma oração. A primeira moeda encontrada é a que deve ficar no lugar do tesouro (CASCUDO, 1998, p. 862).

No dicionário *Aurélio*, temos outra interpretação, afirmando que as botijas são: “vaso cilíndrico, de boca estreita, gargalo curto e pequena asa” (FERREIRA, 1999). Aurélio Buarque de Holanda, nesta perspectiva, também se refere ao recipiente de origem europeia, trazido para o Brasil pelos colonizadores. Nesse sentido, inúmeras botijas que ficaram famosas estão associadas a famílias oriundas da Europa.

A existência de narrativas produzidas sobre esses “tesouros” encantados, popularmente chamados de botijas, é comum no Alto Sertão paraibano – tanto na zona rural quanto na zona urbana da região. Dessa forma, pretendemos analisar estas narrativas acerca de botijas ocorridas no Alto Sertão paraibano, entre os anos de 1930 a 1950. Período marcado por mudanças de ordem política, econômica, social e, neste caso, cultural na cidade de São José de Piranhas.

Para o andamento desta pesquisa foi pertinente o diálogo estabelecido com a historiadora pioneira sobre o estudo do tema, a pesquisadora Maria do Socorro Cipriano, que, no ano de 2010, defendeu sua tese de Doutorado sobre a temática: *Histórias de botijas e os labirintos do universo assombroso na Paraíba*. Cipriano abriu um campo de pesquisa sobre as botijas na Paraíba, elaborando um discurso a partir de um novo fazer historiográfico e baseado no universo assombroso paraibano.

Nesse diálogo, a autora se preocupou em problematizar as botijas encantadas e os relatos produzidos sobre elas como um construto deste universo assombroso. De certa maneira, Cipriano afirma que sua preocupação é:

“Problematizar as botijas e outros relatos de encantamento com um construto deste universo assombroso na Paraíba, (...) ou talvez por isso mesmo, gostaria de tratar o tema atentando justamente para a tensa relação entre o que é visto como real e fantasia (...) (CIPRIANO, 2010, p. 15).

A pesquisadora ainda vem tratar as botijas como as “sobras” deixadas ou esquecidas, pois perturbava a memória, seja ela individual ou coletiva, de cada sociedade. A história destas botijas seria, então, uma invenção do presente, para algo ocorrido no passado. Ela trata também das botijas como algo maravilhoso e encantado, algo que requer um desencantamento. Assim, o tesouro que, enterrado em vida, passava por um encantamento se transformava em botijas. Depois que a botija era doada, ela tinha que passar por um desassombramento que, em sua maioria, era cheio de armadilhas e acompanhadas de “coisas de outro mundo”.

Na mesma linha de raciocínio, Gilberto Freyre, em sua obra *“Assombrações do Recife Velho”* (1951), trata do assombramento e do desassombramento na cidade de Recife como algo que era regido por seres assombrosos. Para Freyre, estes seres assombrosos foram sendo extintos conforme o processo de modernização da cidade ocorria.

Aqui na Paraíba, inúmeros prédios que eram ditos por assombrados foram perdendo esta aura com o passar do tempo. Com o avanço urbano da cidade, estas memórias ficaram quase que somente na oralidade. Os prédios que tinham referências de assombrações passaram a ter outras referências, transformando o aspecto da região onde se localiza o prédio em desassombroso, liberando a cidade desses medos.

Porém, mesmo depois de séculos e do processo de modernização das cidades, as botijas ainda são desejadas e procuradas, fazendo parte ainda do universo assombroso moderno. As botijas se perpetuam até hoje devido ao mapeamento dos lugares onde estariam os tesouros enterrados e encantados.

No Alto Sertão paraibano, entre os anos de 1930 a 1950, devido a algumas mudanças culturais e políticas, as botijas passaram a ser parte frequente do universo dos sertanejos. Na cidade de São José de Piranhas, por exemplo, na década de 1930, sucedeu um acontecimento muito importante na vida dos piranhenses, fazendo com que toda a população se deslocasse da então urbe para outra localidade (onde está a atual cidade)² para dar lugar a um açude que iria acabar com o problema de abastecimento de água da região: o Açude Engenheiro Ávidos, mais conhecido como Boqueirão. Todavia, com essa mudança da sede do município, os piranhenses deixaram para trás riquezas materiais e culturais. Contam os antigos moradores

² Em 1937, a cidade foi alagada para a construção do açude Engenheiro ávidos e se transferiu para outra região, formando um novo núcleo habitacional.

que também foram deixados na antiga cidade tesouros materiais e, acorrentados a eles, as almas dos seus donos.

Tais histórias, ao mesmo tempo em que intrigam as pessoas pelo encantamento do tesouro e o “achamento” de tais riquezas, provocam espanto, deslumbre, alegria, ambição, avareza, sabores, ou até mesmo, dissabores. Revela-se, assim, a pluralidade cultural sertaneja paraibana, focalizando a riqueza do nosso saber popular e a influência das crenças na vida das pessoas.

Essas histórias transitam entre o mundo crível e o incrível, o natural e o sobrenatural, o real e o imaginário popular. Assim afirma a senhora Maria Monteiro:

As Botijas passam desse mundo para outro. Elas estão encantadas. A gente pode encontrar elas em casas de taipa, igrejas velhas, aquelas de antigamente, em baixo de árvores centenárias, tipo a Algaroba. Agora ela só aparece para o merecedor. Se você não for o merecedor, nem vá porque você vê coisas de outro mundo (JESUS, 2008).³

Mediante o depoimento, percebemos que as botijas são tomadas como algo maravilhoso, que seria um tesouro encantado, escondido, em vida, por uma pessoa que, geralmente, era tida como avarenta. Nossa depoente associa essa prática ao encantamento e ao assombroso, de modo a apontar para a construção de um imaginário histórico-cultural próprio às botijas de São José de Piranhas.

Em termos teóricos, portanto, trabalhamos na perspectiva do "imaginário cultural", pois através deste é que as pessoas passam a expressar seus medos, esperanças, identidades e organizam sua vida futura. O imaginário e suas simbologias fazem parte de nossa interpretação de mundo, estando presente em nosso cotidiano, tais como alguns elementos que marcam nossa nacionalidade ou aguça nossas representações alegóricas como: a bandeiras e os hinos, e as roupas típicas de cada região do país. Neste sentido, Pesavento afirma que “o imaginário social se expressa por símbolos, ritos, discursos e representações alegóricas figurativas” (1995, p. 24).

³ Ao longo deste trabalho procuramos transcrever as entrevistas coletadas mantendo o vocabulário e o modo de fala popular dos depoentes. Nesse sentido, todas as citações seguiram este padrão, a despeito de qualquer preocupação com a norma culta da gramática.

Segundo Ferreira, o imaginário é “[...] um conjunto coordenado de representações, com uma estrutura de sentidos, de significados que circulam entre seus membros, mediante diversas formas de linguagem” (1992, p.17). O imaginário seria, então, uma resposta da sociedade para todas as demandas e vivências existentes no cotidiano do homem ou até mesmo uma construção cultural onde estão presentes os mitos, símbolos, ideologias e crenças de um povo. Nesses termos, para a sociedade, as botijas passam a estar associadas a uma série de imagens representativas que, imediatamente, simbolizam e dão significado a esta prática: o recipiente, o enterramento em paredes e sob árvores, o encantamento do tesouro enterrado, o sonho em que o merecedor é avisado e a possibilidade de assombros etc.

O historiador José D’Assunção Barros define o imaginário da seguinte forma: “(...) um sistema ou universo complexo e interativo que abrange a produção e circulação de imagens visuais, mentais e verbais, incorporando sistemas simbólicos diversificados e atuando na construção de representações diversas” (BARROS, 2004, p. 93). Com efeito, o imaginário das botijas em São José de Piranhas procura simbolizar experiências pretéritas locais por meio de representações acerca de um universo cultural em que riquezas abandonadas se transformam em tesouros encantados.

Em termos metodológicos, utilizamos a história oral para conseguirmos compreender a formação de um imaginário cultural piranhense acerca das botijas. Neste trabalho, pois, o uso da história oral consiste em um método de realização entrevistas gravadas com os moradores da cidade de São José de Piranhas que vivenciaram, direta ou indiretamente, a transferência da cidade e, por conseguinte, as aparições de botijas. Nesse sentido, os depoentes possuem um papel decisivo na construção deste trabalho, uma vez que é por meio de seus testemunhos que serão percebidas as imagens em torno das botijas e a formação de um imaginário particular entre os piranhenses (TORRES, 2007)⁴.

Dessa forma, este trabalho busca entender como foi construído um imaginário cultural em São José de Piranhas, mais especificamente no que remonta às décadas de 1930 até 1950. Para tanto, esta pesquisa está dividida em três capítulos.

No primeiro capítulo, intitulado de "Uma história cultural das botijas", apresento os aspectos teóricos metodológicos com o qual a pesquisa foi desenvolvida, traçando o elo entre as práticas de botijas e as teorias existentes sobre o imaginário cultural, bem como apontando

⁴ As certidões de cessão dos depoentes foram mantidas em privacidade por exigência dos mesmos.

diálogos historiográficos com pesquisadores, historiadores e antropólogos que também trabalharam com as botijas. Mostraremos também como a oralidade e a história oral possuem um papel importante nas pesquisas históricas acerca desta temática.

No segundo capítulo, traçaremos uma trajetória histórico-cultural da cidade de São José de Piranhas, visto que a transferência da antiga urbe para o sítio Jatobá, ocasionou uma série de transformações na rotina dos moradores. Com a transferência da cidade, alguns moradores acabaram esquecendo suas fortunas enterradas no solo, conseqüentemente a água inundou todo o terreno da cidade. Em seguida, faremos a discussão sobre as supostas aparições de almas aos moradores da nova urbe, que viriam doar seus tesouros e, assim, deixariam de penar no purgatório.

No terceiro capítulo, inicialmente, faremos uma breve discussão sobre o cangaço e sua estreita ligação com as botijas, desmistificando o discurso que as botijas são oriundas exclusivamente do cangaço. Em seguida, utilizaremos os depoimentos de nossos rememoradores e faremos um estudo sobre as aparições de botijas, apresentando a formação de um imaginário cultural piranhense sobre os “tesouros encantados”.

CAPÍTULO I

UMA HISTÓRIA CULTURAL DAS BOTIJAS

Nos últimos anos, a historiografia brasileira vem se (re)fazendo em termos de estudos sobre a história cultural. Nessa perspectiva, neste capítulo, serão estudadas as botijas como elementos culturais relacionados ao imaginário de uma determinada região – no caso, a cidade de São José de Piranhas. Serão trabalhadas as botijas e suas representações no mundo do que é incrível e do crível. A primeira consiste nas ocorrências “sobrenaturais” envolvendo seres místicos e “almas penadas”; o segundo seria o mundo dos vivos. Assim, passaremos a trabalhar a inserção do mundo do incrível no mundo do crível (CIPRIANO, 2010).

Dado isso, relacionaremos as produções historiográficas locais e regionais sobre o tema com os depoimentos colhidos acerca das ocorrências de botijas na região. Serão tomadas por base as produções dos principais autores acerca do tema abordado. De início, com a historiadora Maria do Socorro Cipriano, em sua Tese intitulada de *Histórias de botijas e os labirintos do universo assombroso na Paraíba*, discute-se a ideia das botijas como práticas entre o mundo crível e o incrível e o mundo do avarento (dono do tesouro enterrado que, posteriormente, viraria a botija) e do merecedor (pessoa corajosa, “não avarenta” e que em sua maioria possuíam poucos bens matérias que lhe servissem de subsídio).

Servirá de fundamento também a produção *Sobre botijas*, do antropólogo Tiago de Oliveira Sales, que retrata as botijas como mitos ocorridos no interior do Estado de Pernambuco, aguçando o imaginário dos garimpeiros; além disso, o conceito de tesouro enterrado do escritor Gilberto Freyre, em sua obra *Casa-grande & senzala*; e ainda Helder Alexandre Medeiros de Macedo e Thiago Stevenny Lopes, que narram as histórias de botijas no campo das representações e simbologias culturais.

1.1 O cultural e o imaginário

Os homens inventariam a História através de suas ações e de suas representações. Esta expressão remete a uma temporalização dos eventos, dos objetos e dos sujeitos, podendo se referir tanto à busca de um dado momento de fundação ou de origem, como a um momento de emergência,

fabricação ou instituição de algo que surge como novo (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007).

O campo de estudo da Nova História vem contribuindo para que possamos (re)pensar novas formas de se fazer história. A escrita produzida sob esta perspectiva abre caminhos para novos estudos culturais de teor mais subjetivo. Nesse sentido, essas mudanças abriram a história como um leque, dando aos pesquisadores novas possibilidades de (re)inventar seus objetos e métodos de pesquisa, contribuindo e ampliando ainda mais os estudos culturais.

Sempre esteve presente na vida cotidiana e na cultura do ser humano o inventar, o representar e o imaginar. Porém, o estudo da cultura e do imaginário só veio se fortalecer com o surgimento da Nova História. No dicionário Novo Aurélio XXI, o autor Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1999) define o imaginário como “o conjunto de símbolos e atributos de um povo, ou de um determinado grupo social”. Portanto, o imaginário é algo coletivo sendo representado por um conjunto de símbolos, ritos, crenças e diferentes linguagens. Segundo Nascimento (2001, p. 1) “Imaginário não é, portanto, imaginação é contra-imaginação, porque nos remete à coletividade, à cultura. Todo imaginário tem como pano de fundo um arco social que se homologa em um recorte cultural que representa uma visão de mundo, uma ideologia”.

Nessa perspectiva, a imaginação é algo que toda pessoa tem e usa, é quando nos distanciamos do real, ou seja, é quando imaginamos algo que poderia ou não acontecer. Assim, o imaginário é mais do que apenas o resultado direto da capacidade de imaginação, sendo principalmente o produto de uma determinada elaboração cultural coletiva.

É nesta linha de pensamento, que os estudos das culturas, das representações, do imaginário, das sensibilidades, da memória e, sobretudo, da subjetividade, vão tomando corpo e quebrando os moldes positivistas e cada vez mais incorporando a interdisciplinaridade à história.

Assim, os estudos sobre as práticas de botijas tomariam um novo rumo frente à cultura de cada região, passando a serem vistas pelos historiadores com novos olhares por meio dos métodos, técnicas e perspectivas de análise.

Sobre isso, Sandra Jatahy Pesavento (2008) afirma que a

Cultura, representação, imaginário, sensibilidades, memória e subjetividade, em associação com uma atitude hermenêutica, são, pois, conceitos de que se apropriam os investidores do passado no terreno da cultura, os quais, nesses

últimos vinte anos, construíram uma corrente historiográfica consolidada (PESAVENTO, 2008, p. 52-53).

Pesavento, ao falar sobre a cultura e suas associações culturais, vai discutir sobre a importância de abrir os olhos para as novas formas de se (re)inventar a história, com o intuito de se construir e consolidar uma corrente historiográfica, visto que este campo de estudo é bastante novo.

Nós historiadores não passaríamos a ser antropólogos ou sociólogos ao trabalhar com cultura e imaginário, mas usaríamos de algumas técnicas e métodos destas duas Ciências Humanas para a construção da história cultural. Segundo Barbosa e Cunha (2006, p. 12), a cultura não “estaria apenas nos artefatos, mas também em hábitos, valores e comportamentos que precisavam ser apreendidos pela observação e registrados”.

Todo rito e cultura produzidos pela sociedade estariam dentro desse novo campo de pesquisa, abrindo assim um leque de possibilidades sobre as novas produções historiográficas. Segundo Lima e Santiago (2011), a sociedade como produtora de conhecimentos tem por obrigação cuidar e preservar sua história e sua cultura, pois, são estas que o homem ergue a sua identidade e a identidade coletiva.

Destarte, as histórias de botijas estariam dentro desse campo de pesquisa. A história cultural seria o estudo e a interpretação dos diversos artefatos, hábitos, valores e comportamentos humanos ao longo do tempo, formando assim múltiplas culturas populares. Estas culturas poderiam ser praticadas ao mesmo tempo ou não, poderiam ser de um período específico ou não, de uma ou várias cidades, uma ou várias regiões.

Quando tratamos de imaginário social, por sua vez, passamos a trabalhar com um conjunto de relações que atuam como memória afetivo-social de uma determinada região e/ou cultura. Passamos a ter um pensamento abstrato ou não, que pode ser cultivado, mantido, vangloriado ou até mesmo temido por uma comunidade.

É através do imaginário que podemos representar e expressar nossos medos, tensões, alegrias aspirações e até mesmo esperanças. No caso das botijas, desencadeiam dentro do imaginário do homem a esperança de ficar rico e o medo de ter que passar por todo um ritual de “desentesouramento” da botija, aguçando ainda mais o imaginário e o temor das pessoas em todo o mundo⁵.

⁵ Só para se ter uma breve idéia de como é vasto o universo de representações sobre histórias maravilhosas, elencamos aqui: o Egito e suas misteriosas pirâmides que, além de estarem povoadas por seres reais e imaginários, desperta também o espírito dos aventureiros que, durante séculos, enveredam em seus labirínticos caminhos para descobrir tesouros; também não podemos esquecer as incríveis aventuras de Ulisses, o herói grego da Odisséia, que investido na armada grega, depois de pilhar alguns tesouros os esconde, aguçando a

Dessa forma, passamos a expressar nossas identidades e objetivos e a organizar nosso passado, presente e futuro. Passamos a utilizar até mesmo nossas ideologias, nossas utopias, nossos tipos de simbologias e mitos – seria aqui uma forma de demarcar o terreno por meio da cultura.

Há momentos em que passamos a trazer o imaginário para nosso cotidiano, demarcando nossas vidas, nossa conduta e nosso estilo. Passamos a nos tele-transportar para inúmeros lugares, não importando que sejam eles de estágios contínuos ou descontínuos, de estabilidade ou de transformações em nossas vidas.

A partir do momento em que passamos a imaginar determinados acontecimentos ou situações, temos – em muitos dos casos – a necessidade de por nossa imaginação em prática. Isso passa a satisfazer o nosso ego ou até mesmo para sair de si mesmo e ir à busca de novas satisfações que até então não conseguimos encontrar em nossa vida dita “real”.

É nessa perspectiva que o imaginário das botijas encantadas nos remete do mundo real para o mundo dito irreal, nos tele-transporta do mundo crível para o mundo do incrível. A vontade de se encontrar uma botija ou não, leva-nos ao mesmo tempo a ter medo/coragem, ambição/desprendimento.

As novas interpretações do imaginário estão mais além do ilusório, dos sonhos e dos símbolos. Nessa perspectiva, podemos perceber que está em alta se associar o imaginário, o social e a cultura.

Passamos a ter um campo de estudo mais amplo, onde existem possibilidades de se aproximar o mundo crível com o imaginário, a exemplo das botijas. Mergulhar nesse mundo imaginário exige de nós historiadores certa afinidade com o mundo do crível e do incrível, para que possamos articular, conduzir, lembrar, narrar e analisar os vários tipos de memórias imprescindíveis para construir nossa história na perspectiva do imaginário.

1.2 Diálogos historiográficos

Como vimos no tópico acima, trabalhar no campo da cultura histórica seja ela o imaginário, a representação, as sensibilidades e a memória não é nada fácil. Ainda hoje existe certa resistência por parte de alguns historiadores que são ligados a outras correntes teóricas

cobiça de marinheiros de toda a Grécia. Mais recentemente, nos séculos XVI e XVII, foram os europeus quem se tornaram os grandes corsários dos mares, tanto pilhavam quanto escondiam riquezas tomadas de assalto em suas maravilhosas aventuras marítimas. (CEZÁRIO; WANDERLEY, 2010)

em aceitar esses novos trabalhos, pois estão ligados ao campo ora do imaginário ora das mentalidades.

Atualmente, as narrativas sobre botijas são discutidas e problematizadas por alguns historiadores, sociólogos e antropólogos. Trabalhar no campo das botijas encantadas não é nada fácil, pois, estão ligadas com o campo do real e do irreal, do merecedor e do avarento, do rico e do pobre e, sobretudo, do assombroso. Porém, aos olhos do historiador/pesquisador que, com muita dificuldade, pesquisa, indaga, discute e sociabiliza suas teorias e metodologias, é necessário lidar com rigor diante das noções metodológicas que envolvem o tema em estudo, considerando as especificidades de fontes que não são palpáveis e/ou verificáveis como a grande maioria dos tipos de fontes históricas existentes. Assim afirma em sua Tese de Doutorado a historiadora Maria do Socorro Cipriano:

Não ignoro as dificuldades em lidar com noções metodológicas caras aos historiadores. As noções de espacialidade e de temporalidade aqui, ligadas ao tema do encantamento/histórias fantásticas, juntamente com o uso de fontes consideradas “menos palpáveis” tornaram-se um desafio durante o trajeto deste trabalho (CIPRIANO, 2010, p. 15).

É nesta perspectiva que procuramos a todo o momento nos aproximar e utilizar as produções acadêmicas de historiadores, sociólogos e antropólogos para nos fundamentar teoricamente. Não são muitos os trabalhos publicados sobre as botijas. Porém, a bibliografia já publicada sobre o assunto recebeu uma boa aceitação, porque são trabalhos de alto nível intelectual, problematizados e também porque retratam o cotidiano e as vivências da sociedade estudada.

Socorro Cipriano, inicia discutindo a questão das botijas e do universo assombroso, como parte de sua infância, pois a mesma, desde pequena – assim como eu –, se encantava com as histórias magníficas sobre tesouros encantados, almas, assombrações, bichos exóticos/mitológicos e histórias fantasiosas. Narrativas que foram sendo incorporadas cada vez mais às narrativas nas calçadas ao entardecer, principalmente em áreas interioranas. Sobre as histórias de Trancoso, Moisés Maussad afirma que elas

Se popularizaram no Brasil como — histórias de carochinha, que equivalem a histórias fantasiosas ou inventadas e de cunho popular. De certa forma, essa definição não é totalmente equivocada, uma vez que os contos do português Gonçalo Fernando Trancoso - nascido em meados do século XVI - tratam do maravilhoso e da fábula, — e a visão dicotômica da moral, em predomínio absoluto do Bem, atesta um contista ainda preso, tanto quanto os seus mestres, aos padrões medievais (MAUSSAD, 1999, p. 39).

Dessa forma, as histórias de Trancoso tornavam-se surpreendentes a cada narrativa, chamando a atenção dos ouvintes e despertando cada vez mais a emoção pela história contada. A historiadora conta que a cada narrativa fazia-se uso, por parte dos narradores, dos seres imaginados para causar medo e deslumbre nos ouvintes.

Estas narrativas sobre botijas não são perpetuadas somente na oralidade dos mais velhos, são transmitidas também por jornais, revistas e até mesmo livros. Segundo Cipriano, as

narrativas sobre assombração, no qual se localizam desde visagens, lobisomens, diabos, bruxas, Besta-fera até animais extraordinários e reinos invisíveis. Invisíveis aos nossos olhos, guiados por uma idéia de razão, ainda tributária da tradição cartesiana e iluminista, que possibilitou à história um estatuto de ciência (CIPRIANO, 2010, p. 16-17).

Estariam aqui as botijas ligadas a outros inúmeros elementos do imaginário, visto que as mesmas são rodeadas de um universo de “visagens” de bichos pelo homem, tais como as mulas sem cabeça, animais de olhos de fogo e besta-fera. Estas assombrações, que rodeiam as botijas, estariam visíveis aos olhos dos merecedores como uma forma de prova para ver a braveza do merecedor.

Em sua produção, Cipriano também problematiza as botijas encantadas e os relatos produzidos sobre elas como um construto deste universo assombroso. Como exemplo de tais relatos, temos a botija do Rio Formoso que trata dos tesouros deixados pelos holandeses e de fortunas acumuladas e esquecidas pelos senhores de engenho durante o período colonial. De certa maneira, socorro afirma que sua preocupação é de:

“Problematizar as botijas e outros relatos de encantamento com um construto deste universo assombroso na Paraíba, (...) ou talvez por isso mesmo, gostaria de tratar o tema atentando justamente para a tensa relação entre o que é visto como real e fantasia (...)” (CIPRIANO, 2010, p. 15).

Nesse sentido, a oralidade pode registrar a expressão de uma pessoa, de um grupo social ou até mesmo de uma cultura. O colhimento dos depoimentos e a ligação que estes fazem com as produções acadêmicas são de grande importância, pois é assim que se constroem as problematizações das imagens que estão atravessadas nos discursos. Mesmo que, cotidianamente, esses sujeitos não tenham a preocupação em registrar esse universo assombroso, para o pesquisador, o registro assume a dimensão metodológica de possibilitar as

pesquisas acadêmicas e de sustentar interpretações e sentidos científicos para as vivências culturais populares.

Socorro Cipriano ainda trata as botijas como as “sobras” deixadas ou esquecidas, pois perturbava a memória coletiva. As pessoas naquela época, ao ouvirem falar das botijas, seja por histórias contadas pelos mais velhos e ou por relatos orais imersos nas tradições, passavam a se autoquestionar sobre a existência ou não do mundo sobrenatural. Isso, por consequência, causava medo em muitos chegando até a provocar desistências com relação à busca de prova acerca da sua existência.

O imaginário social constantemente é permeado de correlações com o sobrenatural. Por exemplo, podemos citar o imaginário cristão que configura Inferno, Purgatório e Céu, dando significado à pretensa existência pós-morte. Nesses termos, as botijas são imersas numa série de “encantamentos” e menções à aspectos sobrenaturais. Os velhos casarões, por exemplo, também imprimiam no meio social e regional traços do sobrenatural, causando medo e afastando as pessoas de tais lugares.

Com efeito, mesmo associadas a certo temor, ainda se ouve falar de botijas. Normalmente ouvimos histórias da boca dos ‘mais velhos’ moradores de São José de Piranhas, mais explicitamente da zona rural, provocando desejo e impulsionando sua busca.

Gilberto Freyre em sua obra “Assombrações do Recife velho” (1951) trata do assombramento e do desassombramento na cidade de Recife como algo que era regido por seres assombrosos. Estes seres assombrosos foram sendo extintos conforme o processo de modernização da cidade chegara a todo vapor.

É neste sentido que Cipriano vai se apropriar dos conceitos de ‘desentesouramento’ de Gilberto Freyre. Quando Freyre (2003) trata da sociedade colonial na cidade do Recife, fala que modernização das cidades de hoje vai quebrando o encantamento e espantando o assombroso para outros locais. Dessa forma, o concreto, os “arranha-céus” e o trânsito agitado passam a desencantar algo que foi encantado no passado, ou até mesmo afugentar os fantasmas para as ruínas da cidade “moderna”.

Por sua vez, os historiadores Helder Macedo e Thiago Lopes associam esse mundo assombroso ao sonho, afirmando:

Um dos elementos fundamentais que emergem das narrativas que tratam de botijas é o sonho, lembrado em todos os povos e épocas, ora aparecendo como aviso divino, ora como elemento sobrenatural ligado a tragédias ou maus acontecimentos. Os deuses, sobretudo nas civilizações politeístas da Antiguidade, falavam através dos sonhos por meio de figuras como os adivinhos, que chegavam a prever o futuro e assim a influenciar guerras e

decisões reais. Na Bíblia, especialmente nos Livros do Pentateuco, encontramos sonhos de personagens que entraram em contato com o mundo sobrenatural, especificamente prevendo o futuro, ou ainda, relatando mensagens de Deus para os homens (MACEDO; LOPES, 2012, p. 24).

Os sonhos, desde os tempos mais antigos, são tratados como fontes de alegações entre o mundo real e o imaginário, como uma forma de prever o futuro. Neste contexto, os sonhos eram interpretados pelos sacerdotes reais que poderiam influenciar nas guerras para saber se iriam ou não obter a vitória. Assim, os sonhos e suas inúmeras interpretações passariam a influenciar nas decisões reais. É nesta perspectiva que os sonhos são tratados como um elo entre o mundo real e o imaginário, algo como uma espécie de portal ligando a alma do dono das botijas – em sua maioria avarento – dadas através dos sonhos ao merecedor, representado quase sempre por pessoas honestas e humildes.

Com o passar dos tempos, os sonhos foram tomando novos rumos e interpretações diferentes. Segundo o misticismo, os sonhos podem ser interpretados de inúmeras maneiras. Contudo, os sonhos vão ganhando a cada dia novas interpretações e readequando outras que já existiam:

[...] o fato é que o sonho e as suas predições se tornaram muito populares na contemporaneidade, sendo comum escutar, na casa ou nas ruas, pessoas afirmarem que sonhos envolvendo dentes refletem mau presságio, ou ainda que águas claras induzem felicidade e, o fogo, alegria próxima – além dos sonhos de botija que estão ligados à riqueza. Evidência de que as pessoas ainda continuam a se firmar na tentativa de traduzir os sonhos, utilizando complexos mecanismos dedutivos baseados na arguta observação da realidade e na adoção de significados transmitidos pela tradição (MACEDO; LOPES, 2012, p. 24)

Assim sendo, a contemporaneidade tende a procurar significado para os sonhos, de modo que o aparecimento das botijas (que se dá pelo sonho) acaba por despertar o medo nas pessoas e a requerer delas uma explicação. Portanto, o assombramento é um dos fatores que mais causam temor entre os merecedores das botijas, pois articula o sonho com experiências de cunho sobrenatural.

1.3 A oralidade como forma de registro

Com o intuito de definir o que é a história oral, Neves afirma que

A história oral é uma metodologia de pesquisa que consiste em realizar entrevistas induzidas, estimuladas e gravadas, com pessoas que podem

testemunhar sobre acontecimentos, conjunturas, instituições, modo de vida ou outros aspectos da história contemporânea. E [...] move-se em terreno pluridisciplinar, pois utiliza muitas vezes música, literatura, lembranças, fontes iconográficas, documentação escrita, entre outras, para estimular a memória (NEVES, 2003, s/p)

Nos domínios da história oral podemos destacar a história das elites (com o intuito de entrevistar pessoas que marcaram a política), a história oral/historicista (com o intuito de preencher as lacunas dos fatos históricos do passado) e a história dos vencidos (que se destina a “resgatar” a história de pessoas, comunidades ou sociedades que foram vencidas, excluídas ou perseguidas). Para Paul Thompson,

[...] a história oral pode dar grande contribuição para o resgate da memória nacional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisas em diferentes áreas. É preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos (THOMPSON, 1992, p. 17).

Mediante os vários métodos e as inúmeras contribuições que a história oral pode contribuir para a (re)memoração dos fatos, existem também os desafios de se trabalhar com a oralidade, sejam elas as omissões de informações, informações contraditórias ou o esquecimento. Sobre isso, Neves aponta que

[...] o maior desafio da história oral [...] é contribuir para que as lembranças continuem vivas e atualizadas, não se transformando em exaltação ou crítica pura e simples do que passou, mas sim em meio de vida, em procura permanente de escombros, que possam contribuir para estimular e reativar o diálogo do presente com o passado (NEVES, 2003, s/p).

Esses inúmeros desafios pertinentes impossibilitam alguns estudos, as coletas de dados e depoimentos para a “reconstrução” do passado. Mesmo assim, por esse e por outros motivos, é pertinente o uso da história oral como forma de “reconstruir” este passado. Segundo Ecléa Bosi, “na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas, refazer, reconstruir com imagens e idéias de hoje as experiências do passado” (BOSI, 1994, p. 55).

Assim como em outros temas, devido aos poucos registros que se tem sobre as práticas culturais de botijas, não é nada fácil trabalhar metodologicamente com as botijas. Através das narrativas dos nossos rememoradores, passamos a perceber o quão simbólico é a botija para as pessoas que dizem terem vivenciado diretamente ou indiretamente as aparições das almas dos donos.

No que se refere a São José de Piranhas, isso se confirma a partir dos relatos orais das pessoas que vivenciaram a experiência de ouvir, imaginar, sonhar, ver e mesmo encontrar “botijas”. Tais pessoas, a exemplo da Sra. Maria Monteiro de Jesus, da Sra. Iraci Oliveira e do Sr. José Cezário, afirmam que estas ocorrências quase sempre se passavam dentro da casa do mercedor do tesouro, ou então perto de árvores, tais como Juazeiros, Agaves, Castanholas, Palmeiras ou Algarobas, comuns no Alto Sertão da Paraíba.

Dito isso, portanto, botijas são bens materiais enterrados em potes de barro, canecas de alumínio ou em potes de vidro. Com os bens enterrados e em face da morte de seus proprietários, estes bens passariam por um processo de entesouramento/encantamento, aprisionando a alma do dono que somente poderia ser liberto mediante a entrega do bem a uma pessoa.

No *Dicionário do folclore brasileiro para estudantes*, a autora Rúbia Lóssio afirma que:

como antigamente não havia bancos nas cidades do interior, as pessoas colocavam suas economias (moedas de prata e ouro), dentro de uma panela de barro devidamente fechada que era enterrada em um dos quartos da casa ou embaixo de uma árvore (LÓSSIO, 2010).

Tendo em vista que o processo de modernização das cidades se deu em períodos diferentes e em ritmos também distintos, as entidades bancárias existentes contemplavam somente as cidades litorâneas. No caso da cidade de São José de Piranhas, as práticas dos moradores em enterrar jóias, ouro, moedas, eram muito “comuns” até meados do século XX. Segundo as representações dos nossos moradores,

Ah! Naqueles anos as coisas eram muito precárias. Quem tinha as coisas, escondia em casa mesmo, num lugarzinho secreto. A pessoa tinha uma caixinha aí colocava suas coisinhas dentro e escondia, às vezes enterrava. Papai, eu lembro, tinha uma mala daquelas grandes de colocar roupa. O fundo era falso, de mentira! Aí ele tirava aquele fundo e colocava tudo dentro (SOUSA, 2009).

E continua

Quando os cangaceiros ameaçaram invadir a cidade, papai pegou tudo o que tinha e colocou numa lata de ferro fornida, com um gancho já pronto na ponta, aí jogou dentro de um cacimbão e só tirou quando o bando foi embora. Muita gente fez isso e perdeu, deixou lá, esqueceu onde tinha guardado. Aí depois vem dizer pra um vivo onde tá, pra ele desenterrar, é a botija! (SOUSA, 2009).

Independente da intenção, ou do motivo de se enterrar estes tesouros, o que se destaca é que estes fatos são pensados, representados, sentidos, usufruídos e supostamente relatados a partir das subjetividades de quem viveu aquela ocorrência, o que nos permite também, dado a nossa leitura, criar novas possibilidades para um estudo das cidades e quiçá também das suas zonas rurais.

CAPÍTULO 2

SÃO JOSÉ DE PIRANHAS: HISTÓRICO E DESENVOLVIMENTO

Neste segundo capítulo será feita uma caracterização geral do município de São José de Piranhas, localizado na mesorregião do Sertão Paraibano, na microrregião de Cajazeiras. Serão pontuados os aspectos de maior importância histórica, social, econômica e física da região, levando em consideração como parâmetros os dados do IBGE, as produções historiográficas e os livros de ata da cidade, que são as principais fontes de informação sobre a região.

Em seguida, será feito um mapeamento histórico do município, destacando a transferência da antiga sede para uma nova urbe, em 1937. Este momento da transferência foi um claro divisor de águas no que diz respeito à organização social, fazendo com que ares míticos se instaurem sobre a história local e dificultando a distinção entre o que é real e o que é imaginário.

2.1 Formação histórica da região

Antes que se inicie a discussão sobre as botijas encantadas - talvez o maior responsável pelo ar de misticismo supracitado - é necessário falar um pouco da origem histórica da cidade e de sua importância econômica e cultural para a região circunvizinha. A partir da formação histórica é que será possível uma melhor compreensão no que concerne à formação cultural da cidade.

A cidade de São José de Piranhas teve uma formação histórica bastante comum para a região. As terras onde hoje se encontram a sede e os povoados do município já pertenceram à Casa da Torre⁶, até serem arrendadas pelo sesmeiro Francisco Xavier de Miranda, no ano de 1761. Com a anulação do arrendamento e, posteriormente, com a divisão das terras, os sesmeiros enviaram requerimentos ao Governador da província da Paraíba para fins de regularização. Como mostra o historiador Messias Ferreira de Lima, ao narrar sobre o arrendamento das terras da Ribeira de Piranhas

⁶ Localizado no município de Mata de São João, em Praia do Forte, distante 80 km ao norte de Salvador, e 55 km do Aeroporto Deputado Luís Eduardo Magalhães [...] as imponentes Ruínas do Castelo da Torre de Garcia d'Ávila, principal sede do Morgado da Torre, também conhecido como Castelo Garcia d'Ávila, Torre de Garcia d'Ávila, Solar da Torre, ou Torre de Tatuapara ou ainda chamado de Casa da Torre. Disponível em: <<http://www.casadatorre.org.br/historia.htm##4>>. Acesso em: 15 jun. 2013.

[...] o primeiro retalhamento feito naquela época [Ribeira das Piranhas], que pertencia aos herdeiros da Casa da Torre, fundada por Garcia D'ávila [...] incluía uma vasta região, abrangendo norte da Bahia, sul do Piauí, sul do Ceará, oeste de Pernambuco, oeste da Paraíba e alto oeste Potiguar, e como esse direito de arrendamento, doação, posse ou venda foi anulado em 1753 [...] os sesmeiros procuraram se regularizar[...] (LIMA, 2010, p. 9).

De início, o núcleo populacional foi erguido nas terras do Sertão de Piranhas⁷, atual distrito Piranhas Velha⁸. O que se tinham eram apenas casebres construídos antes das terras serem arrematadas por agricultores do Vale do Piancó⁹. Como afirma o historiador piranhense José Marconi Gomes Vieira, essa pequena vila pertencia ao

Sertão de Piranhas, que foi habitado pelos índios Pegas, era constituído pelas antigas sesmarias pertencentes à “Casa da Torre” – Bahia, latifundiários da época colonial e fazendeiros do Piancó que ali se estabeleceram nos primeiros dias do século XVIII (VIEIRA, 2006, p. 20).

Para João Rolim da Cunha (1999, p. 25), “A colonização de São José de Piranhas foi muito bem delineada e estudada [...]”. Para ele, a pequena vila foi erguida aos poucos pelos agricultores, fazendeiros e criadores de gado que vinham do Piancó via Rio Piranhas e, até mesmo, de estados circunvizinhos e se arranchavam na região, no início do século XVIII.

Aos poucos os casebres foram aumentando. Com isso, as pessoas que trabalhavam com gado foram se estabelecendo. Depois da aquisição da primeira sesmaria na região de São José de Piranhas, no ano de 1759, por Vital Vieira da Costa, “[...] em seguida é a vez de Francisco Xavier de Miranda que requereu o sítio São José o qual estava abandonado pela Casa da Torre” (LIMA, 2010, p. 16). O que era alguns poucos casebres foi aumentando para povoado, vila e, depois, cidade de São José de Piranhas.

A pouca acessibilidade às cidades de Sousa, Cajazeiras e Pombal, no início do século XIX, fez com que a vila fosse se desenvolvendo lentamente, erguendo sua economia através

⁷ Como era chamada a região localizada no sertão nordestino banhadas pelas águas do Rio Piranhas, que atravessa diversos municípios paraibanos até chegar ao Estado do Rio Grande do Norte.

⁸ Povoado localizado a cerca de 12 km da cidade de São José de Piranhas, às margens do açude do Boqueirão – Engenheiros Ávidos. Suas moradias mais remotas datam do início do século XVIII. Hoje distrito, possui aproximadamente 150 habitantes, a sua maioria pescadores e agricultores. A economia da localidade gira em torno da agricultura de subsistência familiar e do trabalho dos pescadores ligados à associação de pesca local.

⁹ Município brasileiro do Estado da Paraíba, localizado na microrregião do Piancó (região que abrange 18 cidades sertanejas paraibanas) emancipado politicamente em 11 de dezembro de 1831. Recebeu o nome de Piancó em homenagem ao chefe dos Índios Coremas, que assim eram chamados. A palavra Piancó, em Tupi, significa terror.

da agricultura familiar, da criação de gado e do comércio local, visto que este último era pobremente disposto.

Na Segunda metade do século XIX, a antiga urbe contava com três máquinas beneficentes de algodão, uma igreja, uma escola, uma agência dos correios, um paço municipal (prefeitura e cadeia), um cemitério, um coreto, um curtume e o mercado municipal, onde se encontravam algumas bodegas¹⁰, vendas e ou/mercearias.

Neste contexto, o geógrafo Lincoln Diniz (2009), quando aborda os pequenos comércios locais típicos da região Nordeste do Brasil, afirma que:

A bodega [...] constitui um objeto do pequeno comércio muito antigo na história de várias cidades, povoados, comunidades rurais, sítios da região nordestina [...]. Comércio típico e popular nas feiras livres da região, as bodegas no princípio localizava-se primordialmente nestes lugares ocupados por estas atividades que, durante longos tempos, foram responsáveis pela economia e o surgimento de muitas cidades interioranas (DINIZ, 2009, p. 15).

Muitas cidades da região nordestina remetem suas histórias à presença das feiras. A Vila de São José de Piranhas, no passado, dependia muito das feiras de troca e venda localizada em sua rua principal. O comércio, como atividade econômica de fundamental importância na economia local, sem dúvida alguma, possibilitou o crescimento econômico da região.

Além das feiras, que eram realizadas uma vez por semana, o dia frequentemente voltava-se ao trabalho na roça, com uma economia de subsistência para a manutenção da família e o excedente era comercializado como em diversas áreas do Sertão.

A movimentação da cidade crescia a passos curtos, o cultivo de gêneros agrícolas no interior tornava-se, então, mais importante a partir da comercialização dos produtos excedentes colhidos.

O trabalho em órgãos do Estado e do Município, tais como os Correios, o Paço Municipal e a Cadeia Pública eram opções alternativas para se ganhar dinheiro. Porém, estes meios de trabalho eram designados para os mais privilegiados, pessoas ligadas às famílias dos políticos locais.

Antes de a cidade ser chamada definitivamente pelo nome de São José de Piranhas – ocorrido no ano de 1952, pela lei da Assembleia Legislativa Estadual nº 800 –, a mesma teve outros nomes e denominações, tais como: Vila São José, Jatobá e Princesa dos Montes.

¹⁰ A bodega era um típico e antigo comércio familiar da região nordestina, onde se vendiam produtos alimentícios, utensílios para cozinha e banheiro.

2.2 Transferência da cidade

Durante décadas, a população do Baixo Piranhas sofreu com os vários períodos de estiagem, fazendo com que o cultivo dos produtos alimentícios essenciais diminuísse. A solução para a região do Sertão de Piranhas foi construir um açude que abastecesse a população durante o ano inteiro. Diante da necessidade, foram feitos os preparativos e projetos para tal empreendimento.

Para a escolha do local, se fizeram presentes engenheiros, políticos e personalidades importantes da época. O consenso se deu de forma que a construção do açude seria na baixada da cidade de São José de Piranhas.

Diante disso, a construção do açude, que ao mesmo tempo traria desenvolvimento e mataria a sede em momentos de estiagem, inundaria anos de histórias do povo piranhense. Logo veio o assombro geral: como poderia construir um açude se ali havia uma cidade? A população ficou perplexa com a ideia de abandonarem suas casas com o término da obra.

Em meados de 1932, no governo de Getúlio Vargas, deu-se início à construção do então Açude Engenheiro Ávidos, mais conhecido atualmente como Boqueirão. Segundo os documentos do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS, 2012), a construção da barragem Engenheiro Ávidos teve sua construção iniciada pelo engenheiro Moacir Ávidos em 1932, concluindo-se as obras em 1936, sob o comando do engenheiro Silvio Aderne.

A construção do açude era uma alternativa para minimizar os problemas ocasionados pela seca. Dessa forma, o Governo Federal, em conjunto com os Governos Estadual e Municipal, deu início à construção de reservatórios de água. Segundo o escritor José Octávio de Arruda Mello, dentre os inúmeros açudes construídos na região, os principais foram:

Engenheiro Ávidos (Boqueirão de Piranhas), no alto sertão, Coremas, Mãe D'Água, São Gonçalo, buscando interligar as bacias dos rios Piancó e Peixe, entre Coremas e Souza; Boqueirão de Cabaceiras, no curso médio do rio Paraíba, próxima a Campina Grande; e Sumé, no Cariri (MELO, 1994, p. 157).

Há muito tempo que todo o Nordeste lida com inúmeros períodos de estiagem, provocando desespero e malefícios para aqueles que se utilizam da agricultura como meio de subsistência. Dentre as grandes secas dos séculos XX e XXI podemos destacar as de 1915,

1919, 1932, 1958, 1979, 1983 e 2013¹¹, em que toda a população e os animais sofreram nitidamente com a falta d'água, fazendo com que famílias migrassem para outras regiões.

Em outra passagem, José Octávio Mello retrata a importância da construção dos açudes para a região, pois:

Além de peixes e culturas de vazantes, [os açudes] propiciaram o desenvolvimento de cidades como boqueirão, Coremas, Sousa, Sumé, Condado e Malta, Campina Grande [...] No alto sertão, a Vila [São José de Piranhas] foi transferida para a execução do açude de Boqueirão de Piranhas (MELLO, 1994, p. 157).

Dessa forma, a cidade, povoada inicialmente na segunda metade do século XVIII e emancipada politicamente em 24 de setembro de 1885, ficou sediada na antiga urbe até a conclusão da construção do Açude do Boqueirão, em 1936. Porém, mesmo com as comportas abertas, a água ainda não chegava perto das casas da cidade, possibilitando a residência nas mesmas até janeiro de 1937.

Com o início da construção da nova sede, em 10 de maio de 1935, a transferência da cidade para o Sítio Jatobá passou a correr mais rápido. Após a construção da prefeitura, da igreja Matriz e do mercado local, a nova urbe foi inaugurada em 01 de janeiro de 1937.

“No dia 01 de janeiro de 1937 é transferida oficialmente a vila para a nova sede, em meio a grandes festividades [...] no dia 04 realizou-se a primeira feira livre semanal [...]” (LIMA, 2010, p.93). Os anos que antecederam a construção do açude foram parados, ninguém tinha mais interesse em construir, aumentar ou até mesmo investir na cidade, até porque as águas tomariam e destruiriam tudo. Como afirma o escritor Deusdedit Leitão :

Chegou a certeza da construção do açude do boqueirão. Essa certeza fez a vila parar, nada mais se fez ali. Ninguém queria investir numa localidade condenada a desaparecer. Foram anos de agonia para a vilazinha simpática e querida, tão aconchegante na pequena dimensão de suas ruas. Era uma tristeza vê-la finir-se, parada, sem vida, sem a alegria contagiante de seu povo (LEITÃO, 1985, p. 103).

A transferência para a nova sede foi tumultuada e dolorosa, pois os moradores não deixavam para trás apenas bens imobiliários e terras, deixavam também suas lembranças e afeições vividas naquela terra.

Essa mudança repentina para outro local deveria ser bem pensada e planejada, pois se supunha ser um local onde houvesse um terreno fértil e irrigado para a plantação de

¹¹ Disponível em: < www.funceme.br/ >. Acesso em: 17 jun. 2013.

subsistência. Foi aí que Silvino Aderne, urbanista da nova sede, passou a escolher um local para a transferência. Segundo Vieira:

O local escolhido foi o Sítio Jatobá, distante 12 km da Vila de São José de Piranhas. Há quem afirme que a escolha do local para a edificação da nova cidade estava ligada aos interesses das grandes lideranças políticas do município ora em construção (VIEIRA, 2006, p. 23).

O novo local para a construção da cidade de São José de Piranhas foi escolhido em meio aos interesses que emergiam da elite política da cidade. Como solução, seria mais plausível transferir a parte da cidade que seria inundada para a parte que não era afetada com as águas. Todavia, à povoação das terras do Sítio Jatobá representava uma tentativa de desenvolver a região. Quando aqui chegaram, onde hoje se localiza o bairro São Sebastião, os moradores da antiga urbe se depararam com uma capela – sob padroeiro São Sebastião – e uns 10 casebres, onde moravam algumas famílias.

Quase 90 anos depois da transferência da cidade para a nova Sede, podemos – principalmente em épocas de seca – rever algumas construções da antiga cidade, servindo como uma espécie de ponto turístico para os curiosos e apaixonados pela história de São José de Piranhas. Contudo, toda essa mudança provocou um enorme abalo na estrutura social e cultural de boa parte dos moradores.



Figura 01 – Ruínas da antiga cidade de São José de Piranhas com o Açude Engenheiro Ávidos ao fundo.

Fonte: <<http://claudiomar-viajando.blogspot.com.br/2013/01/piranhas-velha-antiga-sao-jose-de.html>>. Acesso em: 05 mar. 2014.

Em meio às ruínas da antiga cidade, temos os escombros da antiga igreja. A primeira igreja a ser construída teve seu auge com as celebrações de vários casamentos, batizados e novenas ao padroeiro São José. Segundo as práticas da tradicional sociedade sertaneja, a religião Católica exerceu papel importante na formação das cidades do interior. Assim, todo o rumo da cidade girava em torno da igreja e, conseqüentemente, da religião, firmando sua estrutura no centro e as casas ao redor do templo, como uma forma de proteção, respeito e submissão.

Além de palco para as celebrações, a igreja tinha calçadas que serviam para reunir interessados em narrar algumas histórias, deixando as narrativas ainda mais exasperantes e arrepiantes. Sob a iluminação das ruas, a senhora Leocádia Cavalcanti, relembando sua mocidade, narra que: “Sabe o que era que tinha [para iluminar as ruas] carbureto, tinha luz lá não. Em cada esquina tinha uma [lâmpada a base de carbureto]. Era a luz daquele tempo.” (CAVALCANTI, 2010).

Inúmeras outras histórias são narradas pelos nossos rememoradores sobre as noites de novena que serviam de ponto de encontro para os casais apaixonados bem como para reunir a família. Era uma oportunidade para os que moravam na zona rural virem até a cidade. Assim, nos conta a senhora Maria Monteiro de Jesus:

Eita pelo que o povo contava antigamente lá era bom. Quando tinha novena e as festas de São José, o povo ia tudim de pé pra lá. Quem tinha seus paqueras aproveitava.

Os fodoquinhas se empiriquitavam tudim para as meninas, tinham deles que iam até de paletó. O povo paquerava de mais, mais não podia nem pegar na mão meu fí, porque se o pai ou a mãe visse, ave Maria. Os casais iam para de trais da igreja, ô tempo bom (JESUS, 2008).

É passível de notar no depoimento da senhora Maria Monteiro, rememorando as lembranças de suas tias e parentes, que as festividades religiosas da cidade serviam também para os inúmeros encontros entre familiares, amigos e namorados. O escritor João Rolim da Cunha, em seu livro *São José de Piranhas: apontamentos para sua história*, relata em algumas passagens o cotidiano da cidade, afirmando que:

A juventude da época lamentou e muito sentiu o desaparecimento do coreto, bem no centro da cuidada praçinha, toda iluminada com lâmpões a gás, ponto preferido para os encontros da mocidade de então, local onde foram seladas as mais lindas juras de amor (CUNHA, 1999, p.80).

Hoje, o que resta da igreja são as ruínas. Mesmo sendo o interior da igreja tomado pela água, a torre ficou de pé até o dia três de março de 1963, quando ocorreu a primeira sangria do açude acarretando o desmoronamento da construção.

Em outra passagem do referido livro do escritor João Rolim, há o relato do cotidiano dos moradores da Vila de São José de Piranhas como uma perda cultural e sentimental. Portanto,

Coberta pelas águas do grande açude, a Vila de São José foi submersa, levando consigo a beleza de sua velha arquitetura, seus jardins e suas praças, e também o convívio das famílias às calçadas, ao entardecer [...] A impetuosidade das águas levou tudo de rojão, sepultando nas movediças ondas do grande mar doce a nossa tão querida e bem amada cidade de São José de Piranhas (CUNHA, 1999, p. 80).

Como vimos na citação acima, o espaço geográfico e cultural da cidade acompanhava o caráter regional e as relações entre as famílias ali viventes. As ruínas da cidade, sepultada nas águas do “mar doce”, transmitem sentimentos para toda à população que ali viveu.

Podemos observar na imagem a seguir, as ruínas da Igreja São José que, em períodos de seca, se faz possível ver parcialmente o que sobrou das paredes laterais e da torre.



Figura 02- Ruínas da igreja da antiga cidade de São José de Piranhas.

Fonte: Acervo de Djenane de Sousa Cezário, Dezembro de 2012.

Conforme a imagem, o que nos resta da igreja na antiga urbe são apenas colunas espalhadas pelo chão. O tempo e sua ação instauraram-se sobre as ruínas da igreja. O que

antes era local de celebrações e festividades, hoje está tomado pela saudade de quem conheceu o referido monumento.

A alguns metros de distância das ruínas da igreja está erguido o que sobrou do cemitério municipal: uma única catacumba. Não se sabe ao certo de qual família pertencia o túmulo, até porque várias famílias foram morar em outras cidades e somente retornaram ao local vários anos depois, quando a água já havia levado algumas construções.

Na tomada da cidade pela água, algumas famílias retiraram boa parte dos restos mortais de seus familiares para a nova cidade ou até mesmo para as cidades vizinhas. Provavelmente, ainda estão soterradas ossos de pessoas cujas famílias, naquela época, não tinham condições de transferi-las para o cemitério da nova cidade.

Na imagem a seguir, podemos perceber que a lápide permaneceu de pé até os dias de hoje, desafiando as forças da natureza e do tempo.



Figura 03 - Ruínas de uma catatumba do antigo Cemitério.

Fonte: Acervo de Djenane de Sousa Cezário, Dezembro de 2012.

Outra construção que foi destruída parcialmente pela ação do tempo foi a delegacia municipal. O que restou dela foi apenas a sapata¹² da construção, que só não foi destruída completamente porque alguns moradores procuraram conservá-la.

¹² É a parte inferior da casa entre o alicerce e a alvenaria (paredes). É uma das partes mais firmes e sólidas da casa, pois ela recebe o peso de toda a estrutura da casa.

A prefeitura e a delegacia por sua vez, faziam parte do Paço Municipal, onde funcionários zelavam pela paz e harmonia da Vila. Constatam-se em meio aos documentos da delegacia que eram poucos os casos de roubos, assaltos e outros delitos.



Figura 04 - Sapata da antiga cadeia Municipal.

Fonte: Acervo de Djenane de Sousa Cezário, Dezembro de 2012.

Dentre todas as construções da antiga cidade, a única que está de pé até hoje é o Correio municipal. Um pequeno prédio que servia para receber as correspondências da cidade e fazer contato com as outras cidades vizinhas, já que não tinha telefone na cidade. O mesmo hoje serve de anexo para a Escola Municipal de Ensino Fundamental II Clemídia Pereira de Negreiros.

Mesmo em péssimo estado de conservação, o antigo correio – atual Escola Clemídia Pereira de Negreiros - “ficou de pé” devido a seu distanciamento do leito do açude. Outro fator que podemos também levantar sobre a conservação do prédio é a formação da sua estrutura, feita com tijolos grossos típicos daquele tempo e barro pisado.



Figura 05 - Antigo Correio municipal da cidade de São José de Piranhas, hoje funciona as Instalações da Escola Clemídia pereira de Negreiros.

Fonte: Acervo de Djenane de Sousa Cezário, Dezembro de 2012.

Nas cidades do interior paraibano, ao término do dia de trabalho, os moradores da cidade faziam suas refeições e iam para as calçadas ou tabuleiros para prosearem, escutarem e/ou contarem histórias dentre elas a de trancoso¹³. Essas histórias, em sua maioria, eram narradas pelos mais velhos. Dificilmente algum morador não se deleitava nas histórias travadas sobre o universo assombroso das almas, botijas e do cangaço. Cada contador, geralmente os de mais idade, queria se sobressair dentre seus “compadres”, como afirma a Sra. Fátima Inácio:

Contava história, umas era verdadeira, otas era infeitada, inventada, né? Uns contavam a verdade mesmo, histórias que já tinha acontecido mesmo, história de trancoso, que o povo chamava as que era mentira né? O que passava com eles, na vida deles, travessia assombrada, levando boiada de um lugar para outro. E outros gostava de contar as vantagens da caça, que ia caçá tatu peba. Ai dizia que tinha visto uma pessoa andando com um candinhero na cabeça, uma lamparina que chamava de primeiro. Agora alma, alma, uns acredita otos não, mais eu acredito que existe porque eu vi uma pessoa que já tinha morrido há muito tempo só que não conhecia ela, mais eu morava na casa da filha dessa pessoa, e ela morreu no quarto que eu dormia com a minha filha piquininha. (INÁCIO, 2013)

¹³ Ver nota 1.

Verificamos na rememoração da senhora Iraci Oliveira que as histórias eram narradas todos os dias mesmo que sem nenhum embasamento que ligasse o caso à realidade lógica. Mesmo assim, as crianças, mulheres e os homens se deslumbravam e viajavam nas histórias.

De acordo com os entrevistados e com o autor João Rolim da Cunha, a antiga sede de São José de Piranhas era muito hospitaleira e organizada. Tivera inúmeros administradores que a todo o momento estavam ali para administrar com perseverança a cidade. A esse respeito João Rolim da Cunha afirma que o Coronel Malaquias Gomes Barbosa:

Batalhou com o posto de general, na linha de frente, sempre reclamando, pedindo aos poderes Federal, Estadual e Legislativo, favores para a sua querida cidade. Sua maior preocupação era nas épocas de estiagens, tão frequentes no [...] Nordeste. Nessas ocasiões o guardião da cidade de São José atirava-se à luta, de rua em rua, de porta em porta, com uma folha de papel nas mãos, pedindo assinaturas para um abaixo-assinado dirigido ao Governo, rogando a construção de uma estrada, um açude, uma ponte, qualquer coisa que viesse amenizar o sofrimento da pobreza do município (CUNHA, 1999, p. 90).

Percebemos no depoimento de Cunha, mesmo saudosista, que a cidade era sinônimo de preocupação devido às épocas de estiagem, pois, a falta d'água afetaria severamente as condições econômicas e sociais do vilarejo. E foi assim até meados de 1936, quando a cidade de São José de Piranhas ficou sediada na antiga urbe.

A cidade e seu aspecto atrativo desencadeiam nos seus moradores, sejam eles ricos ou pobres, ambição, encantamento, melhoria de vida, desenvolvimento social, cultural e religioso. No caso de São José de Piranhas, os seus moradores passavam por um “choque emocional” no momento da transferência da cidade, visto que iriam deixar para trás tudo que construíram com muito apego e sacrifício.

Os antigos moradores da Vila coberta pelas águas do Boqueirão foram obrigados a saírem e recomeçarem suas vidas em outro local, passando a seguir a diante reconstruindo suas moradias. Quando perguntamos a uma antiga moradora da Vila São José, Dona Leocádia Cavalcanti (2010), sobre a transferência da cidade, a mesma narrou que:

As água cubriu tudo, mais a nossa casa não cobriu porque ficava no alto [...] E o povo saíram tudim para São José de Piranhas – Sitio Jatobá -, só tinha queixa. Aí foram carregando para a igreja [os móveis e bens de valor], para a nova cidade. Só que era assim, Seu Pedro, Juca, Leo e Candinha e [Antônio Joca], eram seis pessoas (CAVALCANTI, 2010).

Como destacamos, o sentimentalismo é expresso no depoimento de nossa rememoradora em falar sobre a antiga Vila São José. Toda a cidade ajudando a transportar os bens de seus amigos e familiares, principalmente os seis nomes citados acima.

Os moradores foram a pé para a nova sede da cidade. Quem possuía algum animal de carga ainda conseguia transportar algumas coisas e pessoas. Ao falar da passagem do pessoal da Vila São José para o Sítio Jatobá, Dona Leocádia Cavalcanti nos afirma que:

Nois vinhemo tudo de pé para São José [nova sede], as estradas cheia de gente. Vinhemo tudo chorando, eu chorava, tudo de pé para São José. Chorava porque nós ia sair da [Vila] São José [...] Lá era terra boa de morar. Do lageiro via assim, uma cachoeira era bem pertim de nossa casa (CAVALCANTI, 2010).

Fica fácil encontrar no depoimento da Sra. Leocádia Cavalcanti o apego à terra e à sua então moradia. Reforça mais uma vez aqui o discurso que o apego não foi só material, mas, também cultural e religioso, quando a mesma relata que todos choraram porque iriam sair da cidade.

Mediante a transferência da cidade, pela lei nº 12 de 28 de novembro de 1935, a nova cidade passou a ser chamada de Jatobá, por motivos de ordem política e também devido aos inúmeros pés de jatobás que se notavam naquela região. Devido ao fácil acesso a outras cidades e estados, a então “Jatobá” veio mudando rapidamente. Suas construções iam desenvolvendo a economia da cidade.

Chegando às terras da nova sede, as famílias de renome e de melhores posses foram escolhendo e loteando os terrenos próximos à igreja Matriz. Sob “interesses”, a igreja matriz foi construída numa outra localidade, voltada para o poente como forma de receber benção divina e de acolher os visitantes. Construíram-se assim inúmeras casas em volta da Igreja.

Às famílias que não possuíam condições para a construção de suas casas, alguns bens e terrenos foram doados para a construção de moradia, de forma que não ficassem ao relento. Estes terrenos doados, em sua maioria, eram mais afastados do centro da cidade, hoje localizados nos Bairros do Alto da Boa Vista, da Várzea e do Bastião.



Figura 06 - Atual Igreja Matriz de São José de Piranhas.

Fonte: <http://www.jatobanet.com.br/fotos_da_cidade/>. Acesso em: 31 mar. 2014.

O processo de modernização do espaço rural da cidade foi aumentando cada vez mais, a exemplo da rua central que é tida como o berço da elite da cidade. Em face de alguns depoimentos de nossos rememoradores, observamos que desde a antiga cidade já existiam características que determinavam a “rua dos ricos” e a “rua dos pobres”, sendo que a primeira ficava localizada nos arredores da Igreja.

As questões econômicas e sociais da nova urbe foram emergindo conforme a cidade foi crescendo pelos elos de poder e dinheiro. Com o passar do tempo a cidade foi adquirindo ares de modernidade com a chegada da energia elétrica em 1965, sendo São José de Piranhas “a segunda cidade do alto sertão paraibano a receber energia de Paulo Afonso” (LIMA, 2010, p. 99).

2.3 O surgimento das histórias de botijas

Obrigados a reconstruírem suas vidas em um novo local, os antigos moradores deixaram sua cidade o mais rápido possível. O deslocamento provocou uma enorme mudança cultural e arquitetônica na cidade. E não poderia ser diferente. Afinal, naqueles espaços havia, tal qual

na cidade invisível de Zaíra de Ítalo Calvino, pedaços de memórias, histórias e sociabilidades¹⁴.

A construção do açude era motivo de entusiasmo para uns e de tristeza para outros, pois a passagem para a nova sede fez com que os moradores deixassem para trás seus bens materiais como casas, terras e comércio. Contam os antigos moradores que a transferência da cidade causou inúmeras perdas materiais, causando até mesmo alterações nos comportamentos de alguns moradores que deixaram para trás alguns tesouros por assim dizer e, acorrentados a eles, as ‘almas’ de seus donos.

Dessa forma, podemos perceber que a perda dos bens causaram os mais variados matizes de sentimentos entre os moradores. Como se não já bastasse a perda de seu lar e de sua terra, alguns perderam ainda mais: seus tesouros enterrados nos quais trabalharam a vida inteira para conseguir.

O inquietante nesta história são os tesouros enterrados que também foram deixados para trás e cobertos pelas águas do açude. Esses tesouros, por motivos de morte dos seus donos ou esquecimento de onde se tinha guardado, acabaram se transformando em “tesouros encantados”, na crença popular.

Como antigamente não se tinha bancos ou entidades que representassem esse serviço nas regiões do interior do Brasil¹⁵. Era de costume as pessoas guardarem seu dinheiro, joias e talheres de prata enterrados por motivos de tradição, crenças ou medo de serem roubados por desordeiros ou cangaceiros.

Conforme a pesquisadora Rúbia Lóssio (2010), “hoje em dia existem inúmeros bancos, que possuem sistemas apropriados para guardar os bens materiais das pessoas, porém, há alguns séculos, ou até mesmo décadas atrás, estes eram raros”¹⁶.

No que diz respeito ao Brasil, o primeiro banco a ser criado foi o Branco do Brasil, iniciativa de Dom João VI, datando de sua chegada a esta terra. Em 1808 o Banco estava localizado na cidade do Rio de Janeiro, de forma que as cidades e vilas situadas no

¹⁴ Sobre as sociabilidades do espaço, as relações de morar, ver Mayol. In. CERTEAU, 2008. Ainda que o autor refira-se as sociabilidades do bairro, o que não é o caso da cidade de São José de Piranhas, suas idéias podem aqui ajudar a compreender a cartografia social daquela pequena cidade.

¹⁵ Os primeiros bancos apareceram na Idade Média. Os governantes, os comerciantes de tecidos, os artesãos, os sapateiros, os ferreiros e muitos outros deixavam seu dinheiro depositado nos bancos e recebiam dos banqueiros um papel, que servia como recibo. (O que é um Banco Central? Disponível em: < WWW.bcd.gov.br/pre/educa%77ao/cadernos/bancocentral.pdf > Acesso em: 01 de fevereiro de 2013.

¹⁶ Sobre isto a novela global “Sinhá Moça”, baseada no livro homônimo de Maria Dezonne Pacheco Fernandes e nos textos originais de Benedito Ruy Barbosa, apresentada em 2006 traz uma bela representação, quando o Barão de Araruna, por não confiar sua riqueza aos bancos da região, esconde-o em lugar misterioso no interior de sua casa. A trama retrata a avareza do Barão em relação a sua família, deixando de comprar até mesmo mantimentos para casa para guardar dinheiro.

interior do país não foram contempladas com filiais, permanecendo a prática de esconder as riquezas em caixas, no interior de santos “ocos” ou ainda por enterrá-las.

Com a transferência da cidade, alguns moradores conseguiram desenterrar seus bens e seguir suas vidas; outros não conseguiram, por conta do esquecimento de sua localização geográfica. Estes acontecimentos marcaram muito a vida das pessoas que perderam seus bens. A falta que fizeram foi imensurável, mesmo que fossem bens escassos. Assim, algumas pessoas que eram ricas e possuíam artigos de ouro e prata, teriam ficado pobres em face da perda. Por outro lado, outras pessoas que acharam estes bens e desenterraram teriam ficado ricas. (JESUS, 2008)

Claro que, apresentado dessa forma, parece que a passagem dos moradores da antiga cidade para a nova foi pura passividade. Contudo, se faz necessário frisar que esse movimento de migração compulsória foi atravessado de tensões em alguns momentos, e, em outros, por negociações. Quando se fala em tensões, se faz referência ao sofrimento da população em abandonar suas casas e reconstruí-las em outro local. Isso causou um abalo entre a sociedade e os governantes daquela época. Para resolver estas e outras situações, foram travadas negociações entre a população e os governantes, onde terrenos, tijolos e telhas foram doados a algumas famílias que não possuíam aquisição financeira para custear as obras.

Nesse contexto, começam a surgir histórias de aparições de almas na região que hoje compreende a cidade de São José de Piranhas, bem como na sua zona rural.

Os “tesouros” enterrados em vida por pessoas nos remete a uma prática astuta, onde o medo de perder seus bens levava-os a pensar em qualquer coisa para protegerem seus valores, como a avarenta prática de esconder seu dinheiro, quer fosse para não gastá-lo ou para escondê-lo de malfeitores que o desejassem roubar. Dessa forma, futuramente, aquele dinheiro escondido iria servir para uma emergência ou, em outros casos, para a satisfação pessoal.

Conta a tradição que “dinheiro enterrado no chão a cada ano desce um palmo”, até que suma de vez e só apareça depois que a pessoa que o enterrou falecer. Dessa forma o tesouro ressurgirá em forma de botija.

Em meio à transferência, perdas e ganhos, o Sr. José Cezário afirma que:

Nessa transferência da cidade, alguns moradores conseguiram desenterrar seus “tesouros”, outros por [inúmeros motivos] acabaram perdendo seus bens enterrados. Muitos homens que eram rico “daquele tempo”, quase enlouqueceram com a perda, foi ribuliço (CEZÁRIO, 2010).

Segundo nossos depoentes em suas lembranças, boa parte das inúmeras ocorrências de botijas em São José de Piranhas datam das décadas de 1940 e 1950.

Como anteriormente comentado, a presença de bancos ou entidades ligadas a este tipo de serviço era inexistente no interior do Brasil e, conseqüentemente, do Estado da Paraíba. Dado isso, alguns moradores da Vila de São José de Piranhas enterravam seus bens em potes de barro ou baús para que não fossem furtados.

Nossos depoentes afirmam que, há alguns anos, em face da morte de moradores da antiga cidade que perderam seus “tesouros”, as almas destes passaram a aparecer aos vivos e mostrar onde estavam as botijas. Isso se daria por merecimento. Assim, no caso de “Piranhas de Cima”, como era chamada pelos antigos moradores, contam os nossos rememoradores que estes “fantasmas” faziam/fazem isto por estarem atormentados.

Isso é reforçado pelos discursos cristãos, segundo os quais o fenômeno de ver ‘almas’ estaria ligado ao fato de que aquelas pessoas, supostamente avarentas, estariam padecendo no purgatório por motivos de ganância, ambição ou mesmo insegurança e que o “mercedor”, tinha como missão, para merecer a fortuna, libertá-lo daqueles grilhões.

Conforme pode ser percebido pela rememoração da Sra. Maria Iraci de Oliveira, pelo motivo de estar enterrado no solo embaixo de mais de 10 metros de água, supõe-se que até hoje, 80 anos depois da construção do açude, ninguém tenha desenterrado os tesouros que agora viraram, pelo menos na imaginação dos piranhenses, “botijas encantadas”, usando a terminologia da historiadora Socorro Cipriano que será trabalhada no terceiro capítulo.

Ainda sobre estas práticas de botijas na antiga São José de Piranhas, quando da tomada pela água do boqueirão, a Sra. Maria Iraci de Oliveira comenta:

Onde tem muita botija é lá no açude do boqueirão, onde enterraram e a água cobriu, as águas cobriram as casas, e pronto! Quem tinha os dinheiros enterrados à água acabou... Então as aparições [de almas] para esse povo que agora mora aqui em São José de Piranhas começou. Mais esse povo que vê essas almas é o mesmo povo que morava lá antigamente (OLIVEIRA, 2010).

Conforme a Sra. Maria Iraci, fica difícil desenterrar o tesouro porque estão cobertos pelas águas do açude, salvo em época de estiagem, na qual o açude seca e estimula a imaginação nos moradores sobre a possível existência de botijas por onde a água deu folga.

Dessa forma, é passível de notar a emoção presente nos depoimentos dos antigos moradores da então São José de Piranhas, imprimindo indiretamente a forte influência cultural, política e social que a mudança causou às pessoas que vivenciaram o momento.

Certamente um misto de esperança e desilusão, cada um por suas razões específicas, mas todos embalados pela promessa de melhorias.

Portanto, a construção do açude e a conseqüente mudança da população para dar lugar às águas, fez com que surgissem as histórias de botijas em São José de Piranhas, formando um imaginário cultural baseado na crença popular de que riquezas haviam sido deixadas para trás.

CAPÍTULO III

AS BOTIJAS NO IMAGINÁRIO PIRANHENSE

O universo das botijas está mergulhado em diversas formas de encantamento. Isso vem sendo perpassado no imaginário cultural pela oralidade, por cordéis, lendas e mitos contidos na tradição regional. Essas narrativas, seja por vontade própria seja pela astúcia do narrador na busca de se vangloriar, acabam estabelecendo uma articulação com as aparições de almas penadas durante o ritual que cerca o enterramento, desenterramento e conseqüentemente o desentesouramento das botijas.

De acordo com nossos depoentes, cada botija teria sim um motivo pelo qual foi enterrado, seja falta de entidades bancárias ou desconfiança nas mesmas ou a avareza, acorrentando, assim, cada tesouro ao seu dono. Quando se fala do “achamento” da botija, podemos ligar ao motivo do merecimento, pois, somente poderia ser encontrada a botija se o merecedor não fosse ambicioso, podendo a botija se transformar em besouro, pedras ou carvão. Por sua vez, o ritual de desentesouramento passa a ser visto como algo amedrontador. É a parte final do universo das botijas, porém, a que mais amedronta as pessoas. Em meio a esse ritual de desentesouramento o(s) merecedor(es) irá(ão) encontrar circunstâncias amedrontadoras com bichos de sete cabeças, gatos de olhos vermelhos e vozes do além. Seria este o motivo pelo qual uma de nossa rememoradora Margarida Sousa recusou nas três sextas feiras consecutivas a botija doada por uma alma vagante.

Diante disso, neste capítulo, apresentamos o imaginário piranhense em torno das botijas por meio dos depoimentos de pessoas que teriam vivenciado as aparições das botijas na cidade de São José de Piranhas. Além disso, faremos um estudo dos diferentes tipos de aparições de botijas. Especialmente, analisamos aquelas aparições que estão ligadas ao Cangaço, mostrando como esse fenômeno contribuiu para o enterramento das riquezas, mas não está relacionado diretamente ao encantamento do tesouro, uma vez que esse aspecto é decorrente da crença no Purgatório Cristão. Nesse sentido, o entesouramento resultaria da necessidade de uma alma avarenta se livrar de suas riquezas terrenas para, assim, alcançar a salvação.

3.1 As botijas e o cangaço

Durante a primeira metade do século XX, enquanto o mundo vivia um transtorno imenso devido aos abalos da Primeira e Segunda Guerra Mundial, o Brasil passava por inúmeros movimentos e revoltas sociais que, de certa forma, abalaram socialmente às conjunturas do Brasil nesse período.

De todos os movimentos e revoltas sociais ocorridas aqui no Brasil no início da Primeira República, um dos mais marcantes no Nordeste, devido à repercussão jornalista, foi o Cangaço. Este movimento social repercutiu-se com mais intensidade na região Nordeste, sendo composto por grupos de homens, e também mulheres, armados mais conhecidos como cangaceiros. Estes grupos surgiram em função das péssimas condições sociais, injustiças e por desordem política nordestina.

O cangaço é um tema atrativo devido ao movimento do banditismo, pelo aspecto aventureiro nas batalhas e nas fugas. Promover ataques nas cidades, fazendas e em comboios, eram atitudes rotineiras e violentas que caracterizavam os cangaceiros. Perpetua até os dias atuais inúmeros relatos sobre os ataques dos cangaceiros a muitas cidades do sertão nordestino.

Algumas pessoas admiravam, outras ficavam com medo, outras criticavam, mas o que fez o cangaço ficar mais conhecido foi a ousadia nas suas batalhas. Os cangaceiros não seguiam às leis estabelecidas pelo governo, e em decorrência disso os mesmos possuíam uma vida “nômade”, locomovendo-se de um lugar para outro devido à perseguição da política e da polícia.

Dentre os inúmeros bandos de cangaceiros, o que teve mais destaque foi o comandado por Virgulino Ferreira da Silva¹⁷, mais conhecido como “Lampião”, homem destemido e

¹⁷ Virgulino Ferreira da Silva, mais conhecido como Lampião, nasceu em Serra Talhada em 4 de junho de 1898, mais exatamente na cidade de Vila Bela, atual Serra Talhada, no semiárido do estado de Pernambuco e foi o terceiro filho de José Ferreira da Silva e Maria Lopes. O seu nascimento, porém, só foi registrado no dia 7 de agosto de 1900. Até os 21 anos de idade ele trabalhava como artesão, era alfabetizado e usava óculos para leitura, características bastante incomuns para a região agreste e pobre onde ele morava. Disponível em: http://www.eunapolis.ifba.edu.br/informatica/Sites_Historia_EI_31/cangaco/Site/imagens/lampiao.html. Acesso em: 27 fev. 2014.

valente. Atualmente, Lampião é caracterizado como um personagem multifacetado, uma figura presente no imaginário social dos nordestinos.

Na cidade de São José de Piranhas, o cangaço repercutiu de maneira pouco expressiva devido a pouca acessibilidade dos moradores da cidade às fontes de informações e jornalísticas, como também pela rápida passagem do grupo pelas terras piranhenses, ocorrida nos dias 25 e 26 de outubro de 1925. Mesmo assim, até hoje, os boatos e as controvérsias sobre este fato são contadas, relatando as atrocidades cometidas pelo bando.

Lampião e seu bando teriam provocado desespero nos antigos moradores da cidade. As pessoas, por medo de serem mortas, ou até mesmo de serem roubadas, teriam fugido de suas casas levando consigo seus bens pessoais e materiais – dinheiro, prataria e ouro. Para que seus bens ficassem mais seguros, inúmeras pessoas teriam enterrado ou escondido seus valores em potes debaixo da terra perto de árvores.

A passagem do temido cangaceiro pela pequena vila durou dois dias apenas, mas, mesmo em face da curta duração, teria provocado muito tumulto na cidade. São José de Piranhas teria vivido dias agitados. A notícia já corria de “boca em boca” que o cangaceiro Lampião e seu bando estavam pelas redondezas da cidade de São José da Lagoa Tapada e viria em sentido a São José de Piranhas. Segundo Lima,

Ao adentrar no município de São José de Piranhas, precisamente no sítio Catolé, uma dos seus cabras assassinou covardemente, um morador do lugar de nome João Pelonha, que segundo informações era desafeto desse sequaz, se bem que lampião não mandou, nem aprovou aquele ato praticado (...) (LIMA, 2010, p. 27).

Percebemos que a passagem de Lampião pela cidade, desde o início causou um grande abalo. Os assassinatos cometidos no decorrer de sua passagem faziam com que os moradores se desesperassem e fugissem de casa. Em decorrência disso, a senhora Fátima Inácio nos conta que:

O pai de meu pai, meu avô, ele tinha doze filhos, ai lampião andava lá por onde eles morava, né? Ai quando gritava lá vem Lampião, ai a minha avó foi pra dentro do mato com as moça se esconde lá pa dento dos mato só fico

os home em casa, ai minha vó voltou, porque quando eles chegava numa casa duma pessoa eles mandava matar porco, bode, fazer comida praquele bando, o bando de Lampião como chamava, né? As panela de comida bem grande (INÁCIO, 2013).

Quando as famílias sabiam que Lampião estava perto de suas residências, juntavam ligeiramente seus bens de valor e os escondiam e fugiam ligeiramente para mata adentro. A preocupação era maior nas casas onde havia muitas moças, pois as mesmas poderiam ser alvo de estupros, quando não eram roubadas pelo bando. Porém, ninguém queria perder nada, muito menos suas vidas.

Como vimos no depoimento acima, na casa só ficaram os filhos homens e os donos. Ora, a passagem de Lampião pelas residências, em sua maioria, era marcada por grandes banquetes para seu bando, onde o dono da casa era obrigado a matar algum bicho que criava para saciar a fome do bando.

Como já citamos, em face do medo de perder seus bens valiosos, algumas patacas, jóias de ouro e até mesmo dinheiro, os moradores enterravam o dinheiro no chão para que ficassem bem guardados. É pertinente afirmar que o cangaço está intrinsecamente ligado a algumas práticas de enterramento dos bens de valor. Porém, as práticas de botijas, o entesouramento e o encantamento da mesma não estão ligados ao cangaço.

3.2 As aparições das botijas

As botijas, por sua vez, podem ser encontradas de duas maneiras: por meio de aparições da alma do dono da botija para o merecedor, quando o mesmo está acordado e sozinho em um local ou através do sonho, quando a alma do dono da botija vem – na maioria das vezes em três noites de sextas-feiras – entregá-la para o(s) merecedor(es). Segundo Cipriano (2010, p. 162), “Por isso, esse mundo da botija, longe de ser um espaço homogêneo, que paira sobre um mundo real, faz-se através de múltiplos espaços de medo e de assombro, que se conectam através das narrativas.”

Para se arrancar uma botija era necessária muita coragem e sorte, para não aparecer assombração. Tudo estava implícito nos sinais que a alma deixaria: o local exato, a árvore, a

pedra, a cancela, cada minúcia era exatamente necessária para chegar com exatidão no local. Desta maneira Cipriano nos relata que:

Uma vez recebido o aviso é preciso saber ler os sinais. Sinais emitidos pelo mundo do invisível, que apontam para o lugar onde a botija está enterrada: os sonhos, os ruídos estranhos, luzinhas; visagens - espectros humanos ou mesmo de alguns animais - podem ser reveladoras de tesouros encantados. Para decifrar tais sinais, faz-se necessário que o escolhido esteja atento em relação a todo o ritual para ser agraciado com a fortuna encantada e principalmente conseguir localizar corretamente o local indicado. Do contrário, a botija se encanta e se perde no tempo para sempre e do tesouro sobrarão apenas abelhas, besouros, carvão, pedras (CIPRIANO, 2010, p. 168).

O arrancamento da botija é cheio de sinais, nesse sentido, Borges (2008) ao fazer uma Xilogravura representando o arrancamento da botija trás muitos elementos que podem vir a assombrar o arrancamento. Sobre a mesma Xilogravura, Cipriano narra que:

Em volta das mulheres que tentam desencantar o tesouro, os assombros se multiplicam: uma grande cobra desliza em direção a uma delas; a presença da coruja olhando de soslaio, sinaliza para uma noite tenebrosa e que certamente não deve passar muito da meia noite; outra ave que também aparece em cena e que pode ser a Rasga-mortalha, sobrevoa uma plantinha espinhosa; o espectro, o único na cor branca, remete ao translúcido fantasmagórico aparece aí de braços abertos, num clássico gesto de assombramento. E, por fim, o diabo acima das mulheres. Estas não olham para os lados e tentam ignorar as assombrações: elas não podem desviar a atenção do que fazem, sob o risco do tesouro se perder para sempre (CIPRIANO, 2010, PP. 84-85).



Figura 07 – Arrancando Botija. Xilogravura de José Francisco Borges acerca do ritual de arrancamento de uma botija.

Fonte:

<www.indigoarts.com/gallery_brazil_borges2.html>
Acesso em: 05 mar. 2014.

Tal como na xilogravura do cordelista Borges (2003), diante do achamento e desentesouramento da botija, aparece uma série de coisas do outro mundo. O processo de desentesouramento das botijas pode, na maioria das vezes, ser conturbado e ocasionalmente aparecer o demônio disfarçado de bichos animais, para combatê-los, quando necessário, é preciso que o merecedor da botija realize uma série de rituais e carregue um arsenal de sacramentais.¹⁸

Caso não fossem seguidos os passos ou a leitura dos sinais fosse distorcida ou houvesse ganância ao desenterrar a botija, o merecedor perderia tudo, pois, o tesouro encantado se perderia no tempo e sobrariam apenas pedras, carvão ou besouros.

No primeiro caso, a aparição da alma quando o merecedor está acordado, a primeira medida que deve ser tomada é requerer a aparição da alma, só assim você saberá se a mesma é

¹⁸ Segundo a Igreja Católica os arsenais sacramentais são utensílios ou sinais sagrados que são utilizados em missas ou na purificação de lugares e de pessoas. Temos por exemplo de arsenal sacramental: o Cálice de vinho, turíbulo com os incensos, crucifixos, água benta, livros de rezas e medalhas de Santos.

do bem ou do mal. Sobre isso, destaca nossa rememoradora Fátima Inácio, quando a mesma se deparou com a aparição de uma alma enquanto balançava sua filha na rede

Quando via uma alma tinha que requerer, mais eu não sabia. Diz que, ela [Tia] me ensinou faz muito tempo mais eu não lembro mais não. Quando a gente vê assim uma visão do o to mundo a gente diz umas palavra lá, se ela tiver alguma coisa pra falar pra você, ela fala. Mais eu num sabia (INÁCIO, 2013).

O não requerimento da alma faz com que a mesma afaste-se. Inácio e Sousa afirmam que, dentre os “dizeres” do requerimento estão: “Se for de Deus fique se não for retire-se e Quem pode mais que Deus”, INÁCIO (2013) e SOUSA (2012).

Quando se fala em botija dada ao mercedor, quando o mesmo está acordado, podemos falar da botija de Jararaca (ocorrida no Rio Grande do Norte), em que o cangaceiro José Leite de Santana, mais conhecido como Jararaca, depois de morto sua alma apareceu para o marchante Chico Rosário lhe entregando uma pequena fortuna.

O escritor e poeta Gilbamar de Oliveira Bezerra no decorrer do seu livro "Cangaço - Recordação do Ataque Frustrado" (1977) descreve a história da botija de Jararaca como um fato recorrente da aparição e do merecimento de Chico Rosário.

Sobre o fato ocorrido, o Colunista Geraldo Maia (2002) descreveu que:

Com a prisão e morte de Jararaca, a cidade voltou à rotina. Certo dia, Chico do Rosário dirigiu-se ao "Saco", a fim de trazer alguns animais que comprara. Atravessou a ponte do trem e continuou seguindo o seu caminho quando ouviu uma voz lhe chamando.

Procurando o autor da voz, reconheceu o mesmo como sendo o bandido Jararaca, que ele havia visto algumas vezes na cadeia, antes do mesmo ser "justiçado" pela polícia, trajando a mesma roupa de quando havia sido preso.

Botija nas mãos

Mesmo sabendo que o bandido estava morto, Chico do Rosário não teve medo. Aproximou-se e ouviu o mesmo dizer:

- Eu lhe chamei para lhe dar um negócio. Tá vendo esse pau enfincado? Perguntou o espectro de Jararaca.

- Tou! - Disse o marchante.

- Apois tire o pau daí, cave um pouco, no buraco tem uma caixa com 22\$000 (vinte e dois contos de réis) e um punhal com duas alianças de ouro. São seus.

Chico do Rosário fez exatamente como lhe dissera Jararaca, inclusive repassando o valor. De posse do dinheiro, do punhal e das alianças, ele levantou-se para agradecer tão generosa oferta, no entanto não havia mais ninguém no local além dele; o espectro desaparecera inexplicavelmente.

FONTE: Coluna de Geraldo Maia – Nossa História, Publicada no Jornal O Mossoroense (17/10/1872), Edição do dia 20 de Junho de 2002.

Alguns aspectos que chamam a atenção no caso da botija de Jararaca é que o marchante Chico Rosário seguiu o ritual de desenterramento assim como mandou o dono da botija e, sem medo e muito menos ambição sobre a botija, o marchante conseguiu arrematar o tesouro sem sequer ter visto alguma aparição do outro mundo. O desenterramento da botija de Jararaca foi pacífico, sem aparições – a não ser da alma de Jararaca – de bichos de sete cabeças, gatos de olhos de fogo ou gritos de almas penantes do purgatório.

Outro fato que se destaca no caso ocorrido é que o fato aconteceu sem que o mercedor da botija (Chico Rosário) tenha sonhado com o dono da botija (Jararaca), com o local ou quaisquer outras coisas que seguem o ritual de desentesouramento da botija, o que se tinha para marcar o local era apenas um pau fincado no chão.

Da mesma forma que a Botija de Jararaca, a botija do Sitio Campo também fora oferecida sem ser em sonho. Porém, o mercedor da botija requereu a alma primeiramente antes que ela se pronunciasse. Ao narrar o fato ocorrido, Dona Margarida Soares de Sousa nos fala que:

Marcondi meu cunhado falava, ele disse que uma alma deu uma botija a ele ao meio dia, ele ia no caminho da roça brocar mato ai quando pensou que não aquele vulto branco apareceu na frente dele, ai pronto ali ele ficou paralisado disse que num sentiu perna, num sentiu braço e nada. Ai ele disse: quem pode mais de que Deus? Que disse que tinha isso antigamente, nera? [...] Requerer uma alma, nera? Eles requeriam assim. Quem pode mais do que Deus? Ai ela dizia, ela respondeu: Ninguém (SOUSA, 2012).

Percebemos que a ação do merecedor da botija, quando se deparou com a alma, tomou um susto tremendo, ficou paralisado e imediatamente fez o requerimento: Quem pode mais que deus? Desta Maneira, a alma ao responder a pergunta demonstrou que não vinha das trevas e sim do purgatório.

E continua,

Eu quero le dá uma botija que tá em tal ponto no Sitio Campo, um sitio que tinha pra lá, sabe? Num pé de juá bem grande, em frente a casa grande do finado Manoel Matheus que morava lá. A gente está em pena e eu quero le dá a botija. Ele disse tá certo, é pra você e outro companheiro.[...] é para você e Tibertino Almeida, um homem que morava em Bonito de Santa Fé (SOUSA, 2012).

Não tão diferente das outras histórias de botijas, que se tinham pés de Algaroba, Juá ou Jatobá como ponto de referência, esta tinha um pé de Juá. Percebe-se que a botija do Sitio Campo diferencia-se de outras botijas, pois esta foi doada para duas pessoas: Marconi e Tibertino. Porém, a alma apareceu somente para Marconi. Em seguida,

[...]Ele disse que passou, passou, quando foi na outra sexta feira ela veio de novo e mostrou em outro lugar diferente, ai ficou, ai ele disse e agora num sei de nada ficou caladim que num pode falar nada pra ninguém. Ai quando foi com vinte e dois dias, três sexta feira ela chegou e disse é aqui, bem pertim da cada do pai de marcondi, do homem, sabe, de baixo duma pedra grande (SOUSA, 2012).

O fato de a alma penada mostrar dois locais diferentes não se tem explicação. Porém, supõe-se que a mesma fez isso para testar Marconi se ele queria realmente à botija ou não. Falam nossos depoentes que quando se ganha uma botija não se pode falar para ninguém, a não ser nesse caso que a botija fora doada para duas pessoas.



Figura 08 – Pé de Juá onde uma suposta botija foi doada ao senhor Marcondi.

Fonte: Acervo pessoal.

Em vários casos de botijas, os sonhos ou aparições geralmente ocorrem em três sextas feiras consecutivas, marcando assim um ritual. O novo local onde a botija fora mostrada, é também um ponto considerado estratégico, ou seja, um ponto de fácil acesso.

Em seguida, os dois foram “arrancar” a botija. Contudo, a ambição de um deles foi maior e o tesouro se transformou em besouro.

Ai pronto ele disse que foi e chamou Tibertino pra vim, ai quando chegou disse que meteram a chibanca lá cavando ai disse que quando avistaram o potim, ai disse que Tibertino butou ele pra fora puxou no braço dele rapidim, disse sai sai sai dexa eu entrar dexa eu entrar, quem que tira sou eu, quando ele entrou no buraco que tirou o potim disse que era só bisoro dento desse Poti. Ouro, prata, num sei o que era que tinha lá se transformou-se todo em bisouro (SOUSA, 2012).

Da mesma forma que Chico Rosário na botija de Jararaca, Marcondi e Tiburtino também não viram aparições sobrenaturais ou vozes pavorosas gritando. Porém, como a ambição de Tiburtino foi mais forte no momento, tudo que havia dentro do pote transformou-se em besouro. A ambição por parte de um dos mercedores da botija pode comprometê-la e, conseqüentemente, comprometer a alma do dono da mesma, pois pode ficar preso no purgatório até o julgamento final.

Por outro lado, as aparições de almas para o mercedor podem ocorrer quando o mesmo está dormindo ou até mesmo no estado dormindo/acordado. Como foi o caso da botija da Serra, em que a Senhora Margarida Sousa viam na botija um meio de sobressair e se dar bem na vida. Porém, o medo de encontrar bichos sobrenaturais fez com que a mesma renunciasse a botija.

Segundo Cipriano:

As botijas emergem de um passado para abrir possibilidades de futuro, para apontar passagens para a bonança e para uma vida feliz através da riqueza, pois os velhos casarões, seus quintais, os velhos troncos de árvores que escondem os potes de barro ou de madeira funcionariam como espécies de museus (CIPRIANO, 2010, p. 164).

Destarte, a botija se torna um meio condutor rápido para a riqueza, aflorando um desejo pela ascensão social. Como já falamos nos capítulos anteriores, a botija possui um marco, que escondem potes, caixotes ou panelas com um arsenal de coisas de ouro, prata e jóias.

A Botija com a qual sonhara a senhora Margarida Sousa, possuía um marco um tanto quanto inusitado, era uma cancela¹⁹. Nesse caso, por ser um lugar de “passagens”, algo que é fixado e raramente transferido de lugar, a cancela tornou-se o local perfeito para o enterramento do tesouro.

Assim nos conta a senhora Margarida:

Foi o seguinte sobre a botija: Uma vez eu sonhei que a gente ia caminhando em certos cantos num sabe? Ai no pé de uma cancela me apareceu uma mulher, uma mulher meia forte, com um vestido estampado de vermelho, de costa pra mim ai ela dizia assim: isso aqui é teu. Ai quando eu olhava,

¹⁹ Porteira feita de madeira fincada. É usada com maior frequência nos Sítios e chácaras.

tava assim cercado assim. Com rama do mermo mato arredor. Ai eu me acordei assustada (SOUSA, 2012).

Como em inúmeros casos, o merecedor da botija fica assustado, pois se depara com um sonho meio assustador. Porém, o que torna mais assustador ainda é sonhar mais duas noites com a mesma pessoa querendo lhe entregar o tesouro. O segundo sonho da Senhora Margarida Sousa, foi mais duradouro e com mais indagações, assim nos relata:

Quando foi outro dia, eu sonhei que eu estava aqui no açude. Ai ali no açude tinha uma casa velha. Na frente da porta da casa velha tinha um pé de laranja bem grande com muitas laranja bem amarelinha. Ai quando eu pensava a mulher dirrepente ela me apareceu novamente. Ai ela dizia assim: sou eu aquela daquele dia lembra? Eu dizia lembro e o que é que a sinhora que comigo? Eu quero Le dá uma botija, eu to penando e preciso ficar livre. Ai eu falava assim: só que eu não quero só para mim, dê para mim e meu marido sozinha eu não vô. Não sinhora, é para a sinhora só, ou pra sinhora só ou pros dois também não de jeito nenhum. Ai ficou, me acordei assustada (SOUSA, 2012).



Figura 09 – Casa onde uma suposta alma doou a botija para a senhora Margarida.

Fonte: Acervo pessoal.

Nesse caso a botija doada seria somente para a “escolhida” que seria a Sra. Margarida, mas, ela queria dividir com seu marido. Como a alma não aceitou dividir a botija para os dois a mesma sumiu. Destarte, o terceiro sonho para a escolhida ainda estava por vir.

O pé de laranja já não existe mais, porém, as ruínas da casa ainda marcam o local escolhido pelo doador para esconder sua botija. No terceiro sonho a Sra. Margarida nos contou que:

Quando foi outro dia, eu sonhei, tava assim entre dormindo e acordada, ai lá se vem eu vi uma resta assim bem grande descendo assim pra telha num sabe? Ai eu olhei pra cima e fiquei assim, quando eu pensei que não [...] Era a tal alma de novo. Mesmo vestido vermelho, com umas flor vermelha assim. Arrastano no chão. Ai ela olhava pra mim e dizia assim: E agora já resolveu? Eu dizia: É da botija? Ela dizia: sim. Eu digo: então só pra, pra eu e meu marido? Não só pra você. Eu digo então: pra mim, só pra mim? Ta desistido porque também eu não quero. Ai ela olhava assim pra mim fazia uma careta bem feia, sorria depois e dizia assim: que pena! Pode ser mermo, que pena mermo. Que pra mim sozinha é uma pena que eu não vou arrancar mermo eu tenho medo, eu num gosto. Dê pra mim e meu marido. Ela virava as costas pra mim, e a luz quando eu pensei que não desapareceu. E foi essa a minha história de butija (SOUSA, 2012).

Diferentemente da primeira e da segunda aparição da alma onde vieram em sonho, na terceira sexta feira a aparição veio quando a mesma estava entre dormindo e acordada, fase em que a pessoa tanto tem acesso a partes do consciente, quanto do inconsciente. Desta maneira, a Sra. Margarida mesmo estando nesse estado conseguiu manter um diálogo com a alma doadora. A merecedora ainda tentou manter um acordo com a alma. Porém, como a alma já estava decidida a quem daria a botija, não aceitou o acordo.

O medo que tomara conta da nossa colaboradora era tão grande que fez a mesma desistir de arrematar a pequena fortuna. Assim, a alma desapareceu e também não se soube de outra pessoa que ela teria ido doar a botija.

3.3 A botija da Lagoinha

Na Zona Rural da pequena cidade, descansar depois do almoço sob a sombra de uma árvore ou ainda na calçada à noite sob a luz (esfumaçada) do candeeiro para contar piadas, fazer cantigas, histórias de trancoso ou mesmo histórias de mau assombro, eram práticas comuns. Em face do que nos contou a Sra. Maria Lourdes, filha da Sra. Maria Monteiro, que em época de comemoração familiar, reunia todos os netos, filhos e noras, para contar suas peripécias de quando ainda menina e moradora da zona rural da antiga Piranhas de cima. Dentre tais peripécias estava a da aparição de uma alma para presentear-lhe uma botija. Ao narrar o acontecimento ela se lembrava dos mínimos detalhes em que o doador da botija expressava o grande interesse em doar o tesouro para ela.

Segundo Jesus (2008), o evento se passou em meados da década de 1950, o ano, o mês e o dia não se sabem ao certo, sabe-se que se passou em uma sexta-feira. A vida na zona rural naquela época era simples. Era um dia normal na vida de Maria Monteiro, ao anoitecer na casa de Taipa²⁰, o jantar fora servido como de costume. Logo após, todos os moradores foram dormir em redes na cozinha, onde o piso era de terra batido. Naquela noite de sexta-feira, a Sra. Maria Monteiro começava a sentir algo estranho na casa, umas pisadas, uns arranhões na rede onde estava deitada. Assim estas aparições sucederam-se por três sextas-feiras. Até que na última sexta, uma luz muito forte que somente a mesma via, se espalhou na cozinha perto do fogão à lenha. A Sra. Maria Monteiro teria ficado sem palavras, a ocasião em que a aparição de uma alma vagante, alma esta que começou a falar que teria uma coisa muito valiosa para dar a ela e ao irmão dela, o Sr. João Monteiro. Tratava-se então de uma botija enterrada na boca de um buraco de um Peba²¹. Ao amanhecer, Maria contou a seu irmão João e chamou para ir desenterrar a botija. Junto com eles iria Isabel, a irmã mais nova. Contudo, ao chegar ao local indicado, à ambição em um dos três aumentou, Maria Monteiro teria declarado em vida aos seus filhos e netos, que foi Isabel a egoísta.

²⁰ Conhecida também como casa de barro com madeira, casa de reboco ou casa de taipa de pilão. É um sistema rudimentar na construção de paredes, onde a madeira é tracejada e preenchida em seguida com cascalho e barro ou argila. Muito tradicional no interior do nordeste brasileiro.

²¹ O Peba ou Tatu é um animal muito comum na região sertaneja do nordeste, o mesmo cava buracos na terra onde se abrigam das ameaças da natureza e dos homens e tem seus filhotes. Estes buracos, são tidos como referências para muitas aparições de botijas.



Figura 10 – Buraco do Peba onde supostamente estaria a botija dada a Maria e seu irmão João.

Fonte: Acervo pessoal.

Com isso a esperada fortuna desapareceu. Do buraco só saiam besouros. Alguns dias depois, ao voltar no local onde supostamente estava enterrada a botija, encontraram um enorme buraco, onde no fundo dele havia um orifício bem arredondado como se fosse de um pote pequeno, conta a Sra. Maria Lourdes.

Acredita-se que alguém, supostamente teria sido escolhido para desenterrar aquela, quem sabe, grande fortuna.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim como foi feito menção no decorrer da pesquisa, a história cultural nos últimos anos passou a ocupar espaço notável no campo da historiografia e no campo do conhecimento histórico. Os paradigmas que foram gerados no seio das discussões históricas acerca das diversas fontes e campos de abordagem da história no amplo universo científico acabaram por desembocar na abertura de novos horizontes de pesquisa histórica.

Dentre algumas perspectivas que foram abertas pela história cultural, podemos citar o campo das representações, do imaginário e da cultura popular. Esses foram os alicerces dessa pesquisa, e através deles foi discutida a construção de um imaginário cultural em São José de Piranhas-PB voltado para as botijas.

O objetivo principal da construção do Açude Engenheiro Ávidos era cessar a seca que assolava a região de piranhas. Sua construção levou, mais tarde, à transferência de toda a população piranhense para uma nova sede, evento que afetou diretamente o emocional da população, deixando um vasto arsenal de memórias e lembranças nas ruínas da antiga Piranhas. As ruínas da antiga cidade, posteriormente, passaram a ser tidas como ponto turístico em época de seca. Isso, de certa forma, passou a contribuir ainda mais para a produção de um imaginário das botijas.

A “fama” das botijas, como sabemos, passou a ser difundida e a se concretizar num tipo de memória afetivo-social que se constituiu numa das formas de preservação da cultura regional. O universo do imaginário cultural e regional é permeado por crenças locais. Como em muitos dos casos de crença associadas ao mundo real/sobrenatural, não possui fontes ditas empíricas, o que temos de base para pesquisa são os depoimentos dos moradores da referida São José de Piranhas. Esses rememoradores, através da oralidade, expuseram suas memórias. A partir de suas subjetividades, enquanto sujeitos que vivenciaram a transferência da cidade de local e o aparecimento de botijas, ofereceram um vasto material que deu origem e base empírica para esta pesquisa.

Botija, então, seria um “tesouro” encantado, escondido ainda em vida por seu dono, que, após sua morte, escolheria uma pessoa digna/merecedora para saber onde o tesouro estaria supostamente enterrado.

As práticas de botijas no Alto Sertão paraibano são muito comuns e estão sendo problematizadas no intuito de compreender como tais práticas repercutem e repercutiram no imaginário local. Um fragmento interessante desta pesquisa foi concluirmos que, segundo os depoentes, as décadas de 1940 e 1950 na região de Piranhas, foram os anos em que as aparições de almas pendentes (donos de botijas) apareceram para entregar/presentear pessoas com os referidos tesouros.

Podemos concluir através desta pesquisa que, para além da gama de conhecimentos adquiridos sobre práticas culturais, o contexto histórico regional pode ser abordado de forma diferenciada, através das memórias dos depoentes, nos revelando uma multiplicidade de elementos e experiências culturais. No mais, se as almas eram salvas ou não, não poderemos ter certeza e ou provas concretas. Por isso, nos limitamos a dizer que as histórias de botijas, inseridas nesse universo real/imaginário, não deve se esgotar nessas linhas escritas.

Dessa forma, procuramos apresentar como um evento singular na história de São José de Piranhas (a transferência da sede do município, em 1937, para dar lugar a um açude) marcou a memória de seus moradores e contribuiu para ressignificar o universo cultural local: surgia, ali, aquilo que nomeamos de uma São José das botijas. Em outras palavras, analisamos como as supostas riquezas abandonadas pelos piranhenses nesse processo de transferência domiciliar construíram um imaginário cultural particular à cidade de São José de Piranhas: o imaginário das botijas de Piranhas. Não que botijas sejam exclusividades do Sertão paraibano, mas que os tesouros encantados de São José de Piranhas possuem uma historicidade específica a sua história nos anos de 1930 a 1950.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz. **A Invenção do Nordeste e outras artes**. 4. ed. Recife: FJN: Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2009..

_____. **Da terceira margem eu So(u)rrio: sobre história e invenção**. Disponível em: <www.cchla.ufrn.br/ppgh/docentes/durval/artigos/segunda_remissa/terceira_margem.pdf>. Acesso em: 07 mar. 2013.

BARBOZA, Andréa; CUNHA, Edgar T. **Antropologia e imagens**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

BARROS, José D'Assunção. **O campo da história: especialidades e abordagens**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

BEZERRA, Gilmar de Oliveira. **Cangaço -- Recordação do ataque frustado**. Mossoró: ESAM, 1977.

BEZERRA, Rubens Borges. **Moedas holandesas em Pernambuco – Dutch Coins in Pernambuco**. Recife: Gráfica Editora LTDA, 1980.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: Lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998.

CEZARIO, Danilo de Sousa; WANDERLEY, H. G. F. AS FANTÁSTICAS HISTÓRIAS DE TRANCOSO: PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES SOBRE AS BOTIJAS NO ALTO SERTÃO DA PARAÍBA (1940-1950). In: **II Colóquio Internacional de História: Fontes Históricas, Ensino e História da Educação**, 2010, Campina Grande. Anais do II Colóquio Internacional de História: Fontes Históricas, Ensino e História da Educação. Campina Grande: EDUFCEG, 2010.

CIPRIANO, Maria do Socorro. **Histórias de botijas e os labirintos do universo assombroso na Paraíba**. 2010. 275p. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010.

CUNHA, João Rolim da. **São José de Piranhas: apontamentos para sua história**. João Pessoa: A União, 1999.

DE CERTEAU, Michel. **A escrita da História**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

_____. **A invenção do cotidiano: artes do fazer**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1994. v. 1.

DEPARTAMENTO NACIONAL DE OBRAS CONTRA AS SECAS - DNOCS. Disponível em: <<http://www.dnocs.gov.br/dnocs/doc/canais/barragens>>. Acesso em: 10 de fev. 2013.

DINIZ, Lincol S. **As bodegas da cidade de Campina Grande: dinâmicas sócio-espaciais do pequeno comércio.** 2. Ed. Campina Grande: EDUFMG, 2011.

FERREIRA, Aurélio. B. de Hollanda. de. **Novo Aurélio XXI: o dicionário da língua portuguesa.** 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FERREIRA, N. T. **Imaginário social e educação.** Rio de Janeiro: Gryphus, 1992.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala. Formação da Família Brasileira sob o regime da economia patriarcal.** 49. ed. São Paulo: Global, 2003.

_____. **Assombrações do Recife Velho.** 5. ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 2000.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais.** São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. **Cidades da mineração: memórias e práticas culturais: Mato Grosso na primeira metade do século XX.** Cuiabá: Carlini & Caniato: EDUFMT, 2006.

HOBBS, Eric. **A invenção das tradições.** 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

LEITÃO, Deusdedit. **São José de Piranhas: notas para sua história.** João Pessoa: UniGraf, 1985.

LIMA, Messias Ferreira de. **São José de Piranhas: um pouco de sua história.** Cajazeiras: Editora Real, 2010.

LOPES, Thiago Stevenny; MACEDO, Helder Alexandre Medeiros de. A botija da Serra da Rajada: entre a memória e a história. **Revistainter-legere.** n. 10, p. 21-48, jan./jun. 2012. Disponível em: <<http://ufrn.emnuvens.com.br/interlegere/article/viewFile/4210/3446>>. Acesso em: 10 mar. 2013.

LÓSSIO, Rúbia. **Dicionário do Folclore Brasileiro Para Estudantes.** Disponível em <<http://www.soutomaior.eti.br/mario/paginas/diconario.htm>>. Acesso em: 16 jul. 2010.

MELO, J.O de A. **História da Paraíba: lutas e resistências.** João Pessoa: A União: Conselho Estadual de Cultura – SEC, 1994.

MOISÉS, Maussad. **O conto português.** 6. ed. São Paulo: Editora Pensamento-Cultrix, 1999.

NASCIMENTO, Edna Maria F. S. Imaginário cultural e persuasão em textos publicitários. In: CORTINA, Arnaldo; MARCHEZAN, Renata Coelho. **Razões e sensibilidades: a semiótica em foco.** Araraquara: Laboratório Editorial/FCL/UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica Editorial; 2004. p. 186-219.

NEVES, L. A. **Memória e história: potencialidades da história oral**. Uberlândia: ArtCultura, 2003.

OLIVEIRA, Esdras Carlos de Lima. **Entre sobrados e pedras evoluídas: visões do Recife em Freyre e na cena Mangue**. Grupo de pesquisa arqueologia histórica da UNICAMP, Campinas. Disponível em: <<http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=historiados&id=56>>. Acesso em: 18 fev. 2013.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 27, n. 53, jan/jun. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882007000100002>. Acesso em: 12 mar.2013.

_____. **Cultura e representações, uma trajetória**. Disponível em: <www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/31549/000632033.pdf?sequence=1>. Acesso em: 07 mar. 2013.

_____. **História e história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

_____. **O imaginário da cidade: visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1999.

REZENDE, Antônio Paulo de Moraes. **(Des)encantos Modernos: histórias da cidade do Recife na década de vinte**. Recife: Fundarpe, 1997.

SALES, Tiago de Oliveira. **Sobre botijas**. 2006. 174p. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. 2. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

TORRES, Antonio Montenegro. **História oral e memória – a cultura popular revisitada**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

VIDAL, Ademar. **Lendas e superstições: contos populares brasileiros**. Rio de Janeiro: Empresa Gráfica O Cruzeiro S.A, 1950.

VIEIRA, José Marconi Gomes. **São José de Piranhas: eleições e partidos políticos (1947-1964)**. João Pessoa: F&A Gráfica e Editora, 2006.

FONTES

CAVALCANTI, Leocádia. **Entrevista concedida ao autor.** João Pessoa. 10 de fevereiro de 2010.

CEZÁRIO, José Sobrinho. **Entrevista concedida ao autor.** São José de Piranhas. 16 de fevereiro de 2014.

INÁCIO, Maria de Fátima. **Entrevista concedida ao autor.** São José de Piranhas. 10 de fevereiro de 2014.

JESUS, Maria Monteiro de. **Entrevista concedida a Sra. Maria Lourdes Sousa.** São José de Piranhas. 25 de Dezembro de 2008. Transcrita por **Danilo de Sousa Cezário.**

OLIVEIRA, Maria Iraci de. **Entrevista concedida ao autor.** São José de Piranhas. 16 de Junho de 2010.

SOUSA, Margarida Soares de. **Entrevista concedida ao autor.** São José de Piranhas. 16 de junho de 2010.